



UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS HUMANAS – CAMPUS I- SALVADOR
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDO DE LINGUAGENS
MESTRADO EM ESTUDO DE LINGUAGENS

Roberto Rodrigues Campos

**HARRY POTTER E A INSTITUCIONALIZAÇÃO DE UM FENÔMENO CULTURAL
CONVERGENTE**

Salvador
2015

Roberto Rodrigues Campos

**HARRY POTTER E A INSTITUCIONALIZAÇÃO DE UM FENÔMENO CULTURAL
CONVERGENTE**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Estudo de Linguagens, no âmbito da Linha 1 – *Leitura, Literatura e Identidades*, do Departamento de Ciências Humanas, *Campus I* da Universidade do Estado da Bahia, como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre em Estudo de Linguagens.

Orientadora: Professora Doutora
Sayonara Amaral de Oliveira.

Salvador
2015

FICHA CATALOGRÁFICA

Elaboração: Sistema de Biblioteca da UNEB

Bibliotecária: Maria das Mercês Valverde – CRB 5/1109

Campos, Roberto Rodrigues

Harry Potter e a institucionalização de um fenômeno cultural convergente /
Roberto Rodrigues Campos. - Salvador, 2015.

86 f.

Orientadora: Sayonara Amaral de Oliveira

Dissertação (Mestrado) - Universidade do Estado da Bahia. Departamento de
Ciências Humanas. Programa de Pós-Graduação em Estudo de Linguagens

Contém referências

1. Rowling, J. K, 1965-. - Crítica e interpretação. 2. Literatura infanto-juvenil -
História e crítica. 3. Filmes de Harry Potter - História e crítica. 4. Potter, Harry
(Personagem fictício). 5. Comunicação de massa - Aspectos sociais. I. Oliveira,
Sayonara Amaral de. II. Universidade do Estado da Bahia. Departamento de Ciências
Humanas - Campus I.

CDD: 808.899282

HARRY POTTER E A INSTITUCIONALIZAÇÃO DE UM FENÔMENO CULTURAL CONVERGENTE

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Estudo de Linguagens, no âmbito da Linha 1 – *Leitura, Literatura e Identidades*, do Departamento de Ciências Humanas, *Campus I* da Universidade do Estado da Bahia, como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre em Estudo de Linguagens.

Aprovada em _____.

BANCA EXAMINADORA

Orientadora: Professora Doutora Sayonara Amaral de Oliveira (PPGEL/UNEB)

Professora Doutora Márcia Rios da Silva (PPGEL/UNEB).

Professor Doutor Maurício Matos dos Santos Pereira (PÓS-CULTURA/UFBA).

Salvador
2015

AGRADECIMENTOS

Gostaria de agradecer, primeiramente, à CAPES, pela concessão da bolsa, mesmo que temporariamente, que facilitou a realização desta dissertação.

À minha família, pelo apoio de sempre, e a minha esposa Emile, que soube conduzir bem os momentos tensos de escrita.

Ao PPGEL, pelos professores e funcionários, sempre atenciosos e preocupados com nosso caminho na pesquisa.

Aos meus colegas ppgélicos – Diego, Alexandra, Jobber, Bruna, Leila, Antonia Juan e a galera da Linha 2 –, que compartilharam comigo as angústias e os dilemas de um mestrando, e um agradecimento especial a dois grandes guerreiros que sempre me motivaram a não desistir do curso, que sempre me ampararam nos momentos mais difíceis, que sempre tinham uma palavra de conforto: Ricardo Chacón e Eumara Maciel.

À minha orientadora, a Professora Doutora Sayonara Amaral de Oliveira, por ter acreditado no meu trabalho, pelo carinho sempre demonstrado, por ter suportado meus momentos de bloqueio intelectual, e por toda a teoria que dividira comigo, aumentando minhas leituras e senso crítico.

À Professora Doutora Márcia Rios da Silva e ao Professor Doutor Maurício Matos dos Santos Pereira, por aceitarem compor a minha banca de Qualificação e Defesa, pela apreciação e comentários que fizeram, com o intuito de melhorar meu trabalho.

À Professora Doutora Verbena Maria Rocha Cordeiro, pelas conversas, pelo livro de presente, e por confiar em mim como alguém responsável o suficiente para encarar, ao seu lado, um evento como o 4º ELLUNEB.

A todos aqueles que acreditaram em mim.

RESUMO

Nesta dissertação, pretende-se discutir como a série Harry Potter se tornou um fenômeno literário e cultural, apresentando os caminhos para a sua institucionalização e para a criação da marca Harry Potter. Para tanto, a série será analisada como um fenômeno da cultura de convergência, nos termos de Henry Jenkins, considerando os diversos meios e suportes a partir dos quais a narrativa Harry Potter se ramifica. Dentre esses meios e suportes, será dado destaque à Plataforma *Pottermore*, sítio criado pela autora da série para dar continuidade ao fenômeno no mundo digital, e o site *floreioseborroes.net*, produzido por um grupo de fãs brasileiros da série para a criação e publicação de narrativas em torno de Harry Potter, as chamadas *fanfictions*. Na abordagem desses dois sites, ambos os domínios (da autora e do público leitor) serão avaliados a partir das seguintes peculiaridades da cultura de convergência: de um lado, as estratégias criadas pelo produtor literário para assegurar o seu público e manter o controle sobre a sua criação; de outro, a autonomia e liberdade do público para construir histórias à revelia do autor, o que se torna possível graças ao crescimento da cultura midiática na contemporaneidade.

Palavras-chave: Harry Potter; J.K. Rowling; Convergência; *Pottermore*; *Fanfictions*;

ABSTRACT

This dissertation aims to discuss how J.K. Rowling's Harry Potter series has become a literary and cultural phenomenon, with the paths to its institutionalization and the creation of the Harry Potter trademark. For this purpose, the series will be analyzed as a convergence culture phenomenon, according to Henry Jenkins, considering the different means and supports from which the Harry Potter narrative branches off. Among these means and supports, it will be highlighted the *Pottermore* Platform, a site created by the author of the series to continue the phenomenon in the digital world, and the site *floreioseborroes.net*, produced by a group of Brazilian fans of the series to create and publicize narratives around Harry Potter, a.k.a. *fanfiction*. Focusing on these two websites, both domains (the author and the reading audience) will be assessed from the following peculiarities of convergence culture: on one hand, the strategies created by the literary producer to ensure her audience and keep control over her creation; on the other hand, the autonomy and freedom of the audience to create stories over the heads of the author, which is possible thanks to the rise of media culture nowadays.

Keywords: Harry Potter; J.K. Rowling; Convergence; *Pottermore*; *Fanfictions*;

SUMÁRIO

| | |
|--|----|
| INTRODUÇÃO | 9 |
| 1. A VARINHA ESCOLHE O BRUXO, O LEITOR ESCOLHE O LIVRO: NEM SEMPRE FICA CLARO O PORQUÊ? | 13 |
| 1.1. UMA QUESTÃO DE CÂNONE CULTURAL | 16 |
| 1.2. BIBLIOTECA DE HOGWARTS PARA TROUXAS: OS <i>SPIN-OFFS</i> DA SÉRIE..... | 25 |
| 1.3. EMBARQUE NO EXPRESSO HOGWARTS: DOS LIVROS ÀS TELONAS | 29 |
| 1.4. A MARCA DA CICATRIZ EM FORMA DE RAIO: OUTROS PRODUTOS HARRY POTTER | 33 |
| 2. POTTERMORE E A CONVERGÊNCIA DA <i>POTTERMANIA</i>: ENTRE <i>FANDOMS</i> E NARRATIVAS TRANSMÍDIAS | 39 |
| 2.1. <i>FANDOMS DE HARRY POTTER</i> : | 40 |
| 2.2. <i>IMPERIO!</i> A REVELAÇÃO DE J.K. ROWLING COMO GÊNIO DO MARKETING | 44 |
| 2.3. DA PLATAFORMA 9 ³ / ₄ À PLATAFORMA POTTERMORE | 47 |
| 3. GRANDES AUTORES VOCÊ ENCONTRA NA FLOREIOS E BARRÕES: O PÚBLICO ESCREVE HARRY POTTER | 60 |
| 3.1. ARMADA DE DUMBLEDORE: A LUTA DOS FÃS PELA AUTONOMIA CULTURAL | 64 |
| 3.2. FLOREIOSEBORROES.NET: QUANDO LEITORES VIRAM AUTORES | 69 |
| CONSIDERAÇÕES FINAIS | 77 |
| REFERÊNCIAS | 80 |

INTRODUÇÃO

Sejam bem-vindos! – disse. – Sejam bem-vindos para um novo ano em Hogwarts! Antes de começarmos nosso banquete, eu gostaria de dizer umas palavrinhas: Pateta! Chorão! Desbocado! Beliscão! Obrigado.
(J. K. Rowling)

Quando um menino magro, de cabelos negros, olhos verdes e com uma cicatriz em forma de raio na testa apareceu no mercado editorial em 1997, ninguém poderia ter previsto o impacto que essa produção teria sobre a cultura contemporânea. Agora, dezessete anos depois, J. K. Rowling e Harry Potter são nomes conhecidos, capazes de criar um fenômeno cultural que se estendeu não só às crianças, mas também para suas contrapartes adultas. Mistura única de lenda, mito, teoria e fantasia, a obra de Rowling é intrigante, abrindo inúmeras oportunidades para análise e contemplação. De fato, a criadora do bruxinho elaborou seus romances de uma forma aparentemente mais complexa do que imaginavam alguns críticos mais conservadores da chamada cultura de massa e, embora sua série tenha acabado, as discussões sobre ela só estão começando.

O interesse por um estudo crítico da série de narrativas Harry Potter, da britânica Joanne Kathleen Rowling, nasceu após a constatação de que os leitores contemporâneos estão provocando interesse nos críticos literários e influenciando suas avaliações, tal como sugere Eliane Aparecida Ferreira ao afirmar que, “pela excessiva exposição e visibilidade alcançadas no mercado de bens simbólicos, a obra de Rowling mobilizou rapidamente, além de leitores, os críticos provenientes do campo literário, educadores e mídias das mais diferentes inserções” (FERREIRA, 2009, p.27).

O objetivo deste trabalho é pensar como essa literatura, por muitas vezes recriminada por ser massiva, transformou-se em um fenômeno literário e cultural, abrindo as portas para novos autores que buscam escrever suas obras com o simples intuito de agradar e angariar leitores dos quatro cantos do mundo, repaginando o cenário histórico-literário atual e provocando inquietações na Academia.

A obra de J. K. Rowling se configura como uma série de narrativas fantásticas reunidas em sete volumes, com um sucesso de vendas ultrapassando pouco mais de 400 milhões de cópias, a qual, hoje, já representa um fenômeno literário e cultural, quando adicionados livros *spin-off*, versões em *audiobooks*, adaptações cinematográficas recordes de bilheteria, jogos, brinquedos, vestuário, um parque temático e até mesmo a criação de um vocabulário particular.

Na primeira seção, intitulada *A varinha escolhe o bruxo, o leitor escolhe o livro: nem sempre fica claro o porquê?*, objetiva-se expor a história da magia atrativa da série de narrativas Harry Potter como um fenômeno literário e editorial, considerando a importância de sua institucionalização cultural. Na série, quando Harry Potter vai comprar seus materiais para estudo – incluindo sua varinha – descobre que o bruxo já nasce destinado a uma determinada varinha, ou seja, ele não a escolhe, ele é escolhido por ela. O mesmo parece acontecer com os livros, no mundo real: quando o leitor entra numa livraria, ele escolhe o livro que vai comprar, mas é o mercado que, de algum modo, o induz a comprá-lo. Em ambos os casos, varinha e livro, escolhem seus donos, e nem sempre fica claro o porquê. Será? Basicamente, esta era a pergunta inicial desse trabalho e nela buscou-se mostrar as condições em que Rowling escrevera Harry Potter, como foi o passo-a-passo até ser traduzido e publicado no mundo inteiro, gerando todo o tipo de material derivado da série, a fim de buscar responder tal questionamento.

O texto da segunda seção se dedica ao estudo de como a série Harry Potter – após constatar que se tornara um fenômeno conhecido como *Pottermania* – se transfigurara, ou seja, entrou em convergência, nos termos de Henry Jenkins (2009). Após refletir sobre como o sucesso da obra de Rowling virara uma febre, uma mania internacional, cogitou-se pesquisar um pouco sobre cultura de convergência, mais precisamente os estudos de Henry Jenkins, visto que, a fim de tentar eternizar sua obra, a criadora de Harry Potter converte-se para as diversas mídias. Assim sendo, desenvolveu-se a segunda seção, intitulada *Pottermore e a convergência da Pottermania: entre Fandoms e Narrativas Transmídias*, a fim de compreender a criação e a manutenção do fenômeno Harry Potter, considerando o papel singular da produtora cultural (autora) e o papel do seu público-leitor. Nesta, pretendeu-se apresentar as estratégias utilizadas por J.K. Rowling para institucionalizar sua obra, estabelecendo um domínio sobre seu público cada vez

mais fiel, ao desenvolver a plataforma *Pottermore*, exemplo do que Jenkins (2009) entende por narrativa transmídia.

O consumo dos *best-sellers* fez surgir a ideia de uma reclassificação literária, cujo nome provém do seu objetivo: literatura de entretenimento. De acordo com José Paulo Paes:

Literatura de entretenimento faz parte da cultura de massa [...]. Na cultura de massa, a originalidade de representação tem importância muito menor. A fim de satisfazer ao maior número possível de seus consumidores, as obras dessa cultura se abstêm de usar recursos de expressão que, por demasiado originais ou pessoais, se afastem do gosto médio [...]. Seriam fundamentalmente o romance policial, o romance sentimental, o romance de aventuras, a ficção científica e a ficção infanto-juvenil. (PAES, 1990, p. 25-28).

Isso significa dizer que José Paulo Paes acredita e defende uma literatura capaz de estimular o gosto e o hábito da leitura, cujo propósito do “entretenimento não se esgota em si, mas traz consigo um alargamento da percepção e um aprofundamento da compreensão das coisas do mundo” (PAES, 1990, p.28). Esse tipo de literatura, normalmente, possui um público-leitor que se distancia da singularidade em prol de um gosto coletivo, que desenvolve, muitas vezes, a característica de um fã, o qual se envolve bastante com aquilo que lê, que se entrega e se apaixona.

São adensadas, na terceira e última seção, as reflexões acerca dos fãs – mais precisamente de Harry Potter –, bem como os mecanismos que um grupo de fãs utiliza para legitimar sua autonomia como produtores culturais, produtores de *fanfictions* – histórias criadas por fãs – por intermédio da análise do site brasileiro *floreioseborroes.net*, numa perspectiva de cultura participativa. Esta seção explora as formas com que os públicos de mídias usam seu poder interpretativo para subverter ativamente, distorcer, e até mesmo reimaginar um conteúdo de mídia, a fim de atender às suas próprias necessidades e desejos. Discutem-se os *fandoms*, explorando como os fãs criam e se comportam em comunidades, estendendo suas interações com textos transmidiáticos, desenvolvendo uma cultura participativa e ativa.

Para os estudiosos de literatura mais conservadores, Harry Potter e todas as obras contemporâneas de entretenimento não correspondem ao ideal literário, e combatem toda e qualquer produção literária de mesmo estilo, alegando má qualidade estético-literária por sempre seguirem uma mesma forma, por terem

seus sucessos premeditados, perdendo, assim, a beleza estética e o espírito artístico. Um exemplo é Harold Bloom, reipeitado crítico literário que questiona: “Por que ler, se o que você lê não vai enriquecer a mente, o espírito, ou a personalidade?”¹ (BLOOM, *online*) Em contrapartida a esse posicionamento, Alice Áurea Martha diz que:

Apesar de críticas como a de Bloom e de muitas outras autoridades reconhecidas desde o primeiro volume, *Harry Potter e a pedra filosofal*, a série assumiu o topo do rol dos *best-sellers*, obrigando, inclusive, veículos da mídia, jornais e revistas a incluírem obras de literatura infantil em suas colunas semanais de livros mais vendidos. (MARTHA, 2005, p.121)

Para Alice Martha, Harry Potter é uma prova de que a juventude da era da *internet* realmente se interessa por literatura, já que considera a obra de Rowling como literatura. J.K. Rowling, inclusive, recebeu o Prêmio Príncipe de Astúria da Concórdia “por ter ajudado crianças de todas as raças e culturas a descobrirem o prazer da leitura, [...] a encontrarem nas fascinantes aventuras de Harry Potter um estímulo à imaginação e criatividade”². Desta forma, seja fenômeno, febre ou mania – principais termos utilizados para qualificar a série de aventuras Harry Potter, aclamada por muitos e detratada por outros –, as narrativas de Rowling se tornaram uma das obras de maior sucesso na contemporaneidade, tanto em leituras quanto em vendas; tanto em livros quanto em filmes e outros produtos relacionados, justificando o propósito do que é abordado nesta dissertação.

¹ Tradução minha do recorte: “Why read, if what you read will not enrich mind or spirit or personality?” Disponível em: < http://dml.fflch.usp.br/sites/dml.fflch.usp.br/files/texto4_0.pdf>. Acesso em: 04 abr. 2015.

² Tradução minha do recorte “[...] for having helped children of all races and cultures to discover the joy of reading, [...] to find in Harry Potter’s fascinating adventures a stimulus for imagination and creativity”. Disponível em: <http://staugustine.com/stories/091103/com_1796005.shtml>. Acesso em 30 nov. 2013.

1

A VARINHA ESCOLHE O BRUXO, O LEITOR ESCOLHE O LIVRO: NEM SEMPRE FICA CLARO O PORQUÊ?

A varinha escolhe o bruxo, senhor Potter. Nem sempre fica claro o porquê, mas acho que está claro que podemos esperar grandes coisas do senhor.

(J. K. Rowling)

Harry Potter é uma saga literária infanto-juvenil, composta por sete livros escritos pela escocesa Joanne Kathleen Rowling, que imaginou um mundo de fantasia habitado por bruxos e seres mágicos. A saga conta a história de Harry Potter, um adolescente que descobre ser bruxo em seu décimo primeiro aniversário e acaba indo para a Escola de Magia e Bruxaria de Hogwarts, onde se aprende a ser um bruxo bom – o que nem sempre acontece. Ele deve lutar contra as forças do mal, inclusive com seu arqui-inimigo, um bruxo das trevas chamado Lorde Voldemort, e seus seguidores, os Comensais da Morte.

Nota-se que na estória de Rowling, a dicotomia bem/mal, bem como outros pares de oposição característicos da cultura europeia (certo/errado, belo/feio, etc.), aparecem como espelho do ser humano dualístico, ideal, tal como sugere Ligia Amaral:

Todos sabemos (embora nem todos o confessemos) que em nosso contexto social esse tipo ideal – que, na verdade, faz o papel de um espelho virtual e generoso de nós mesmos – corresponde, no mínimo, a um ser: jovem, do gênero masculino, branco, cristão, heterossexual, física e mentalmente perfeito, belo e produtivo. A aproximação ou semelhança com essa idealização em sua totalidade ou particularidades é perseguida, consciente ou inconscientemente, por todos nós, uma vez que o afastamento dela caracteriza a diferença significativa, o desvio, a anormalidade. E o fato é que muitos e muitos de nós, embora não correspondendo a esse protótipo ideologicamente construído, o utilizamos em nosso cotidiano para a categorização/validação do outro. (AMARAL, 1998, p. 14,).

Desde que o personagem bruxinho surgiu, em 1997, já escreveram livros sobre ele, artigos científicos; há reuniões e convenções (inter)nacionais todos os anos. Literatos, professores, sociólogos, historiadores, psicólogos,

psiquiatras e filósofos já falaram extensivamente sobre o assunto: o fenômeno Harry Potter se tornou peculiarmente interessante para se discutir.

Após constatar que um modelo de produção literária surgiu e está circulando pelo mundo, a literatura de *best-seller*, a qual se caracteriza pela fluidez da leitura, estimuladora de um consumo sempre maior por parte do público, fica evidente reconhecer que os leitores contemporâneos estão provocando interesse nos críticos literários e influenciando suas avaliações; a crítica literária já vem apreciando textos como os de Rowling, do ponto de vista da produção do fenômeno literário, uma vez que, de acordo com Jesús Martín-Barbero (2003), esse público contemporâneo se tornou um consumidor ativo de cultura, que vivencia diversas “experiências culturais” (p.70).

Na contemporaneidade, os especialistas em literatura têm se empenhado para definir o que vem a ser literatura infanto-juvenil, cujos textos aparentam criar uma ponte entre o que já se tem como literatura infantil e literatura adulta, isso porque se tornou necessário apreciar textos como os de Rowling do ponto de vista da produção do fenômeno literário, o qual se constitui tanto pelo que é veiculado no texto quanto pelo tratamento que o mercado editorial lhe confere, uma vez que esse tipo de material – a exemplo da saga Harry Potter –, vende milhões de cópias por todo o mundo, sendo aclamada por uma multidão de leitores fiéis a qualquer material cujo tema seja relacionado à obra.

A série de aventuras Harry Potter, a cada ano que passa, desde a publicação do seu primeiro volume, *Harry Potter e a Pedra Filosofal* (1997), atrai mais e mais leitores por todo o mundo. A exemplo de J.K. Rowling, encontramos uma gama de autores de grande êxito editorial cujos livros vêm contemplando vendas expressivas: Stephenie Meyer, da saga *Crepúsculo*; Rick Riordan, da série *Percy Jackson e os Olimpianos*; *A culpa é das estrelas*, de John Green; *As crônicas de gelo e fogo*, de George R. R. Martin; Stephen King e suas obras de terror, entre outros. Vale ressaltar que essa cultura de leitura de best-sellers não se resume a obras estrangeiras. No Brasil, destacam-se Paulo Coelho (*O Alquimista*, dentre outros), André Vianco (das sagas *O Vampiro-Rei* e *O Turno da Noite*), Luis Eduardo Matta (*O Véu*), Thalita Rebouças (*Fala sério, mãe!*), Zíbia Gasparetto (*Ninguém é de Ninguém*), Padre

Fábio de Melo (*Quem me roubou de mim*), Padre Marcelo Rossi (*Ágape*), entre outros.

Martin-Barbero (2003) explica que as massas estão se manifestando – isso há muito tempo, desde o folhetim, e buscando consumir e valorizar suas preferências, característica de uma transposição do foco nos “meios para as mediações, isto é, para as articulações entre práticas de comunicação e movimentos sociais, para as diferentes temporalidades e para a pluralidade de matrizes culturais” (MARTÍN-BARBERO, 2003, p.261). Uma preocupação que os autores de *best-sellers* têm, por exemplo, é em receber um *feedback* de seu público-leitor e, assim, observa-se que o aumento do consumo modela a forma de escrita, a fim de conquistar e agradar ao público.

O que se percebe é que essas literaturas estão sendo produzidas para o mercado, suas linguagens e conteúdos estão se adequando aos gostos dos leitores adolescentes e o *boom* editorial acaba chamando a atenção e o consumo também daqueles que não fazem parte do público-alvo primário: os acadêmicos, os críticos literários e culturais. A escrita dos *best-sellers*, quase sempre segue características específicas, as quais, historicamente, definem o gênero. Por exemplo, livros do gênero infanto-juvenil contêm mais de 200 páginas, são escritos para adolescentes, com uma linguagem adequada ao público-alvo, e são comercializados em larga escala; os protagonistas, geralmente, são adolescentes, cujos pais estão mortos, ausentes ou em desacordo com eles. Essa sintonia entre as idades do leitor e das personagens ocorre porque, segundo Vincent Jouve (2002), o texto infanto-juvenil “não pode construir personagens absolutamente diferentes daquelas que o indivíduo corteja na vida cotidiana” (p. 62), pois isso, para o jovem, muitas vezes, “não faz sentido” (p. 62).

Por conseguinte, no tocante ao conteúdo, há sempre temas que abordam problemas juvenis (por exemplo, maturidade, sexualidade, relacionamentos, drogas), e sempre acontecem eventos que giram em torno do protagonista e de seus amigos, os quais estão em constante busca pela resolução dos conflitos.

J. K. Rowling criou a saga Harry Potter, cuja linguagem é acessível a crianças e adolescentes (e apreciada por adultos também), um sucesso editorial que alimentou a imaginação infantil. De acordo com Jesualdo

Sosa(1978), a escrita para o público infantil possui sua própria beleza, apenas reconhecida por aqueles que conseguem dominá-la, visto que, para esse tipo de leitor, “quanto mais simples e bela a entonação da linguagem, mais a criança apreciará a leitura, para qual se sentirá mais atraída.” (SOSA, 1978, p. 39) Ora, se Rowling foi capaz de fazer crianças e adolescentes lerem tanto o seu primeiro livro, *Harry Potter e a pedra filosofal*, que é o mais curto de todos, com 263 páginas, quanto o quinto, *Harry Potter e a Ordem da Fênix*, que é o maior, com 702 páginas, certamente foi por despertar, em seus leitores, uma “identificação, pelo prazer que toda leitura com pretensões a ser de algum proveito deve provocar na alma da criança” (SOSA, 1978, p.30).

Do lançamento do primeiro volume da saga, em 1997, ao lançamento da última adaptação cinematográfica dos seus livros, em 2011, Joanne Kathleen Rowling já tinha vendido mais de 450 milhões de cópias e teve sua obra traduzida para 67 línguas; os quatro últimos volumes da saga, consecutivamente, são conhecidos hoje por baterem o recorde como os livros de venda mais rápida da história, tornando sua criadora a escritora mais rica da Grã-Bretanha. Neste século, onde o marketing cada vez mais dita as regras, quem tem e mantém um sucesso como o de Rowling sobrevive, tal como sugere José Mário Silva, quando a série nem tinha chegado ao seu final épico:

Escritores de best-sellers há muitos, do místico Paulo Coelho ao romântico-açucarado Nicholas Sparks. Por serem capazes de mobilizar legiões de leitores fiéis, acabam por deter um poder crescente no cada vez mais comercial mundo do livro. Nenhum deles, porém, chega aos calcanhares desta inglesa que passou anos a escrever em cafés, antes de revolucionar a literatura juvenil com a saga em sete volumes do feiticeiro Harry Potter, um dos maiores êxitos editoriais de todos os tempos. Os números são esmagadores: cerca de 400 milhões de livros vendidos à escala planetária, 10 mil milhões de euros gerados pelo conjunto da indústria Potter (incluindo o merchandising e os cinco filmes produzidos em Hollywood), recordes absolutos de encomendas na Amazon e de rapidez nas vendas de cada livro, etc. Terminada a série, resta saber o que vai Rowling fazer para se manter na crista da onda, quando não faltam imitadores a criar sucedâneos do rapaz de óculos redondos, a ver se lhes sai a sorte grande. (SILVA, 2008).

O fato incontroverso é que um grande número de crianças, adolescentes e adultos, em todo o mundo, tem acompanhado Harry Potter e seus amigos e

que, durante uma década – de 26 de junho de 1997 a 21 de julho de 2007 – esse público testemunhou o fenômeno cultural infanto-juvenil mais influente da primeira década do Século XXI.

1.1. UMA QUESTÃO DE CÂNONE CULTURAL

Até ascender à fama, J. K. Rowling passou por momentos difíceis como, por exemplo, ter composto boa parte de sua primeira obra, *Harry Potter e a Pedra Filosofal* na pobreza, muitas vezes planejando seus capítulos em cafeterias perto de seu pequeno apartamento em Edimburgo, onde vivia com sua filha, Jessica.³

Antes de Rowling escrever os livros de Harry Potter, sua vida foi cheia de lutas e perdas o que, provavelmente, pode ter influenciado na criação de Harry Potter, personagem marcado pelo enfrentamento e superação de diversas situações difíceis. As circunstâncias financeiras da autora não mudaram até o final dos anos 1990, quando a série Harry Potter superou todas as expectativas de sucesso. Auxiliada por uma concessão do Scottish Arts Council, Rowling foi capaz de completar seu primeiro romance, porém o incentivo inicial dos editores era praticamente inexistente. Foi-lhe dito para encontrar um emprego de dia e a editora britânica Bloomsbury, a única que acatou o livro de Rowling, apenas publicou um período inicial de 1000 cópias do romance, o *Harry Potter e a Pedra Filosofal*.

Em 1998, a editora americana Scholastic comprou os direitos de publicação e, assim, o que de início não passou de um *marketing* do boca-a-boca fez de J. K. Rowling a autora de literatura infantil mais popular da contemporaneidade. Por conseguinte, o interesse nos livros infanto-juvenis criou um “ressurgimento” da leitura entre as crianças mais jovens, ávidas e ansiosas pelo próximo capítulo das aventuras de Harry, fazendo com que o livro que surgira de forma acanhada alcançasse uma proporção antes inimaginável no campo cultural.

Sissa Jacoby e Miguel Rettenmaier organizaram o livro chamado *Além da plataforma nove e meia: pensando o fenômeno Harry Potter*, o qual reúne

³ Essas informações estão apresentadas na biografia da autora. Ver SMITH, Sean. *J.K. Rowling: uma biografia do gênio por trás de Harry Potter*. Rio de Janeiro: Sextante, 2003.

dez artigos de estudiosos e pesquisadores da série Harry Potter, produzidos no Brasil. A Academia, que busca reforçar a importância da leitura dos cânones, cede espaço e tempo para tratar de uma obra considerada por muitos um mero fenômeno massivo. Quando a professora da Universidade de Passo Fundo, Tania Rösing (2005, p.6), apresenta o livro, ela ressalta que a compilação dos textos resultou em “uma crítica sem interesses outros além de pensar honestamente um texto de tal forma apreciado por crianças e adolescentes (para não referir os adultos que eventualmente tenham gostado da série Harry Potter)”.

Famoso entre aqueles de 8 a 80 anos, acredita-se ser legítimo questionar o que se entende dessa paixão por uma série de sete livros infantis e oito adaptações cinematográficas. Para Sissa Jacoby:

A propósito dessa extrapolação da faixa etária ao inverso, uma questão, entre tantas outras que o fenômeno suscita, se impõe: por que adultos estão lendo livros escritos para crianças, assistindo a filmes de animação destinados a crianças, nem sempre acompanhados por elas, mas por escolha própria? (RÖSING, 2005, p. 6).

A questão é saber o porquê de tanto sucesso, já que não foi como uma onda efêmera. Teve seu boom, mas não fora destruído rapidamente, não diminuiria. Talvez, o verdadeiro mistério seja o fato de Rowling ter encantado pessoas para além do seu público-alvo ao evocar em sua literatura de fantasia – repleta de criatividade e imaginação –, certo sentimento de nostalgia que, muitas vezes, pode lembrar aos leitores mais velhos de sua infância e adolescência, reconfortando aqueles que, simplesmente, se recusam a crescer e abraçar o cotidiano dos adultos, muitas vezes sem emoção. Nas palavras de Érika Pádua (2009):

A literatura de fantasia exige um envolvimento ativo do leitor com o livro, e muitos autores acreditam que a leitura deste gênero contribui para que o leitor acesse seu subconsciente para ajudá-lo a resolver problemas do dia-a-dia. Funcionando como metáfora para essa jornada ao subconsciente, a literatura de fantasia se vale da criação de mundos imaginários ou mundos paralelos. [...] Nesses mundos, o herói, saindo de sua realidade mundana, faz a sua jornada de autoconhecimento, passando por testes e tarefas que o levarão a algum tipo de prêmio. Os mundos paralelos representam versões distorcidas e extremas de elementos que já estão presentes na realidade mundana dos protagonistas. (PÁDUA, 2009, p.1)

Assim sendo, pode-se considerar a série Harry Potter como um dos exemplos mais óbvios dessa escrita escapista infanto-juvenil fantástica. Nela,

aborda-se temas importantes como o amor, a amizade, identidade e discriminação; utiliza-se um estilo de escrita simplista, o qual pode ser apreciado e interpretado por qualquer pessoa, independentemente da idade, sexo, etnia, identidade de gênero ou orientação sexual – inclusive por adultos que possuem uma vida atribulada e cansativa, e que leem, por exemplo, as aventuras do bruxinho por se tratar de uma leitura fácil, prazerosa e fluída.

Uma boa série é aquela capaz de evoluir junto aos seus leitores – e Harry Potter é um exemplo excelente, uma vez que foi a primeira grande série de narrativas massiva a chegar às prateleiras sem carregar a marca de uma "leitura obrigatória", posicionando a obra de J. K. Rowling no ranking das maiores séries infanto-juvenil da contemporaneidade. Todavia, para os estudiosos mais conservadores, Harry Potter e todas as produções contemporâneas chamadas de obras de entretenimento não correspondem ao ideal literário, e combatem toda e qualquer produção literária de mesmo estilo, alegando má qualidade estético-literária por sempre seguirem uma mesma forma, por terem seus sucessos premeditados, perdendo, assim, a beleza estética e o espírito artístico.

Quanto a isso, pode-se dizer que algumas obras literárias destacam-se de todas as outras, tornando-se assim base para as produções posteriores e marcando, de certa forma, a história da literatura. Para Antoine Compagnon (2003), os critérios de julgamento literário variam com o tempo e com os interesses de um determinado momento.

A avaliação dos textos literários (sua comparação, sua classificação, sua hierarquização) deve ser diferenciada do valor da literatura em si mesmo. Mas é claro que os dois problemas não são independentes: um mesmo critério de valor (por exemplo, o estranhamento, ou a complexidade, ou a obscuridade, ou a pureza) preside, em geral, a distinção entre textos literários e não literários, e a classificação dos textos literários entre si. (COMPAGNON, 2003, p.227).

Nota-se que, para Compagnon, a comparação dos textos literários pode partir da concepção de princípios de organização textual. Essa ideia nos permite entender possíveis motivos para a crítica literária diferenciar o que é literário ou não, e, no caso de o texto ser considerado literário, verificar se este tem valor menor ou maior do que o de outras obras da mesma categoria. Nesse sentido, Compagnon sugere que uma obra pode ser

mais literária do que outra por aparentar ser apenas mais sofisticada, mais complexa ou mais reflexiva. Em contrapartida, de acordo com os estudos do escritor Jorge Luis Borges, pode-se afirmar que essa concepção tida por Compagnon “só importa aos historiadores da literatura” (BORGES, 2000, p.24), pois não mais se atem à organização, beleza ou sacralização do texto, uma vez que a questão do estilo de escrita literária passou a ser melhor discutida, por se notar que, muitas vezes inconscientemente, um autor acaba por citar algo/alguém lido outrora, tornando sua ideia uma redescoberta.

Harry Potter é uma obra em série escrita no final século XX, e tem angariado milhões de leitores. Dentro da teoria literária, há uma corrente dedicada ao estudo da recepção de uma obra ao longo dos tempos, avaliando textos literários com especial atenção a seus leitores, justamente por entender que os estudos literários anteriores não favoreciam a apreciação dos expectadores por uma determinada obra. Essa corrente é conhecida como Estética da Recepção.

A Estética da Recepção surgiu na contramão das correntes Marxista e Formalista, propondo desconstruir a abordagem de uma obra literária centrada em seu contexto de produção ou em seus aspectos textuais, tal como afirma o próprio Hans Robert Jauss (1994), um de seus fundadores. Para ele, “ambos os métodos, o formalista e o marxista, ignoram o leitor em seu papel genuíno, imprescindível tanto para o conhecimento estético quanto para o histórico: o papel do destinatário a quem, primordialmente, a obra literária visa” (JAUSS, 1994, p.24).

De acordo com a proposta de Jauss, o leitor guia a interpretação de textos, conforme atesta Luiza Lobo (1988), ao ressaltar que este teórico propõe “a análise da experiência do leitor ou da sociedade de leitores de um tempo histórico determinado” (p.115). Segundo a pesquisadora, após analisar esta sugestão de Jauss, torna-se perceptível “a grande amplitude da teoria, que abarca a análise sociológica, histórica, psicanalítica e hermenêutica, não só do texto literário, como também da sua relação com o leitor”. (LOBO, 1988, p.115).

Isso significa que a interpretação e os modos de produção de textos cedem lugar aos modos de leituras de leitores de várias épocas. Assim sendo, o leitor torna-se o foco para os estudos da interpretação da obra. A Estética

da Recepção também se preocupa com essa investigação dos processos de leitura de uma obra no tempo, ou seja, com as diferentes formas que cada época lê uma obra, e também com as diferentes formas que cada nação foi capaz de ler uma determinada obra quando traduzida.

Jauss (1994), fundamentado nos estudos do leitor, problematizou a formação do cânone literário: para ele, o cânone literário - grupo de obras consideradas mais importantes de um determinado período de tempo ou lugar - deve ser definido também de acordo com o público-leitor, e não mais somente a crítica literária; analisar-se-á, portanto, um texto literário a partir do valor atribuído pelo público. Harry Potter se tornou um fenômeno literário, e (seu sucesso se dá culturalmente, mostrando que literatura recebe influência externa, para além do que é intrinsecamente textual, e que isso deve ser levado em conta ao se estabelecer critérios de valoração literária.

Isabelle Cani refere-se a J. K. Rowling como uma autora inteligente, e interpreta a frase – “Vão escrever livros sobre ele. Todas as crianças no nosso mundo vão conhecer o nome dele”⁴ – como a predição de um sucesso mercadológico:

Há ali uma espécie de aposta sobre o futuro: ela espera, ela quer acreditar que essas frases se tornarão realidade, que seu Harry Potter encontrará o sucesso com o qual ela sonha, especialmente junto a “todas as crianças no nosso mundo” (CANI, 2008, p.12).

Cani deixa claro que Rowling escrevera as palavras da personagem Prof^a. McGonagall antes do sucesso que a série adquirira, visto que tais palavras aparecem no primeiro capítulo do Volume I, cujo lançamento foi em 1997:

De fato, escrevem-se livros sobre ele, e agora todas as crianças conhecem seu nome, não somente dentro do mundo dos bruxos do qual fala Minerva McGonagall, mas também no mundo ocidental como um todo. E, no entanto, quando J.K. Rowling escreveu essas frases, ela ainda não havia publicado nada, ninguém ouvira falar dela nem de seu jovem herói; como todos os autores iniciantes, ela não tinha nem mesmo certeza de que iria encontrar um editor para seu primeiro romance. (CANI, 2008, p.12).

⁴ Frase proferida pela Professora Minerva McGonagall, vice-diretora da Escola de Magia e Bruxaria de Hogwarts, respectivamente personagem e instituição, ou seja, ícones fictícios da série Harry Potter. In: ROWLING, 2000, p.17.

O fato incontestável é que, de forma premeditada ou não, Harry Potter se tornou um *best-seller*, um fenômeno de vendas, tal como sugere a crítica literária Nelly Novaes Coelho:

Do ponto de vista do mercado, a série Harry Potter – literatura destinada a crianças e adolescentes – tornou-se o primeiro produto editorial infantil/juvenil a se igualar aos grandes *best-sellers* “adultos”. Fenômeno resultante de uma gigantesca engrenagem editorial “globalizada”, [...] o sucesso da série tem início com a inteligente e complexa *estratégia da tradução*: cada volume é traduzido, com antecedência, em dezenas de idiomas, para ser lançado, simultaneamente, em centenas de países e em tiragens que chegam a milhões de exemplares. Os lançamentos são sempre precedidos de um formidável *marketing*: notícias invadem as colunas literárias da imprensa. [...] Fotografam-se filas de crianças à espera da compra, criam-se concursos que envolvem o livro, etc. (COELHO, 2005, p.55).

Por esta razão é que muitos ainda se perguntam se Harry Potter é, ou virá a ser um dia, um clássico da literatura universal. De acordo com João Luís Ceccantini:

A intensa celeuma deflagrada por Harry Potter é emblemática da cisão que ainda hoje afeta o universo da cultura: *cultura erudita / cultura de massa; alta cultura / baixa cultura; arte / indústria cultural*, estas, entre outras tantas dicotomias que afloram no debate cultural relativo à série Harry Potter, mas também, no caso brasileiro, aos livros de Paulo Coelho, aos romances policiais, ao gênero infanto-juvenil, aos folhetins (de ontem e de hoje), para ficar em alguns poucos exemplos do meio literário. (CECCANTINI, 2005, p.23).

A leitura de clássicos da literatura vem perdendo força; a Academia, bem como o sistema de ensino, ainda assegura a leitura dos mesmos, temendo, quem sabe um dia, que deixem de existir. Conforme Robert Darnton (1998, p.9) “vemos a literatura de cada século como um conjunto de obras agrupadas em torno dos clássicos; e nossa ideia de clássico provém de nossos professores, que por sua vez a receberam de seus mestres”. Esses clássicos estão em desarmonia com a “nova” onda literária, caracterizada, hoje, pela leitura de *best-sellers*, os quais configuram o quadro de uma “nova”⁵ literatura: a de entretenimento, de mercado.

Os clássicos literários existentes e, validados no âmbito acadêmico, não devem ser deixados de lado. Eles existem, e é papel do professor, como pesquisador e formador de opinião, apresentá-los aos jovens leitores. Faz-se

⁵ Vale ressaltar que, a literatura de entretenimento não é tão nova assim, se pormos em questão, por exemplo, o fato de sua estrutura e propósito possuírem certa semelhança com os folhetins do século XIX. O novo retrata a condição de produção e consumo desse tipo de literatura.

necessário, não obstante, um reconhecimento de que a literatura de best-seller tem seu valor e que deve ser estudada, e isso tem se tornado “comum após a publicação da série Harry Potter, da série Crepúsculo e tantas outras que cativam o público infanto-juvenil”, tal como sugere Bruno Brizotto. Para ele, nada impede que essas obras sejam lidas, pois “mais importante é o ato de estarem lendo obras literárias, as quais só contribuirão para o aumento do repertório de leitura de cada um” (BRIZOTTO, 2011, p.73).

Tom Morris (2006), em um relato, diz que a autora de Harry Potter é uma “excelente empresária e uma filósofa de vida do tipo bem prático” (p.11). Em seu *E se Harry Potter dirigisse a General Electric?: sabedoria de liderança do mundo dos bruxo* (2006), Tom Morris utiliza os ensinamentos, as dificuldades, a motivação e a superação vividos pelo bruxinho nos sete volumes da série, associa-os a seus funcionários e mostra como a obra de Rowling pode contribuir para as demais áreas do conhecimento, quando se faz uma leitura mais aprofundada, criteriosa e levada a sério. Morris desabafa:

Suas histórias podem nos instruir nos empreendimentos mais comuns que todos nós enfrentamos. [...] Quando, pela primeira vez, comecei a ler as histórias de Potter e fiquei completamente imerso em sua magia, peguei-me um dia falando para centenas de profissionais de marketing sobre o tema do sucesso. No meio da apresentação, espontaneamente afastei-me das anotações que havia preparado e comecei a falar sobre como Harry Potter lida com situações de grande desafio e tremendo perigo. [...] Eles se divertiram a valer com o fato de estarem falando seriamente sobre Harry, e todos rabisaram às pressas mais anotações sobre os métodos sábios do bruxo do que tinham feito quando falamos de Platão e Aristóteles. Esta foi a primeira vez que eu soube que havia algo nas histórias de Potter que ressoava profundamente em todos nós [...]. (MORRIS, 2006, p.11-12)

Para Jauss (1994), o cânone literário se define de acordo com os processos de leitura que o público-leitor foi capaz de fazer. Bill Adler⁶, em seu *Cartas ao Harry Potter: crianças do mundo todo escreveram ao bruxo* (2007), faz uma compilação de cartas escritas por crianças da Nova Zelândia, Irlanda, Alemanha, EUA, Brasil⁷, entre outros lugares – todos fãs de Harry Potter. Alguns escrevem sobre suas próprias vidas e cidades de origem, enquanto outros imaginam existências bruxas para si e escrevem sobre Harry Potter

⁶ Escritor americano que popularizou o gênero de cartas infantis nos EUA.

⁷ Dentre milhares de crianças que participaram do Concurso Cultural Cartas ao Harry Potter, dez cartas foram escolhidas e compiladas junto às dos demais países.

como se fizessem parte do mesmo universo. Essa experiência⁸ vivida por Bill Adler mostra que, Harry Potter também pode ser considerado um clássico:

Ao copilar as cartas [...], descobri que não apenas havia um enorme interesse nas histórias de J. K. Rowling, mas que Harry Potter levava as crianças a ler mais do que nunca. Tive a oportunidade maravilhosa de conversar com muitas crianças e de entrevistá-las para o livro e, de forma quase unânime, esses pequenos leitores me disseram que ler Harry Potter havia aguçado seu apetite pela leitura. O que essa obra fez foi ajudar a criar uma nova geração de leitores que irão valorizar a leitura pelo resto da vida. (ADLER, 2007, p. –IX–)

Muito se tem discutido sobre o fato de que, na era digital, o entretenimento advindo da internet e dos jogos eletrônicos afasta crianças e adolescentes do mundo dos livros. Isabelle Smadja e Pierre Bruno atribuem à obra de Rowling, a responsabilidade por quebrar essa ideia de afastamento entre jovens e livros:

Eis que um livro veio desafiar as previsões pessimistas. Harry Potter, antes de ser fenômeno editorial, foi primeiro o romance que criou a surpresa suscitando o questionamento. Afinal, que livro é esse, perguntavam-se as pessoas, que tem a virtude mágica de desenvolver nas crianças o gosto pela leitura? [...] Enquanto os grandes grupos editoriais multiplicam produtos cada vez mais bem formatados, de sucesso incerto ou fácil, o triunfo público dessa criação individual, uma obra marginal em sua origem, exige que nos interroguemos sobre as razões dos sucessos literários. (SMADJA; BRUNO, 2009, p.9-10).

Em virtude do sucesso que a série de Rowling alcançou, de acordo com Eliane Ferreira,

[...] a maior parte das críticas à obra advém de características que a situam no contexto da produção literária pós-moderna, como, por exemplo, configurar-se como um romance híbrido, situado no mercado de bens simbólicos, sob a forma de *best-seller*, que estabelece dialogia com outras produções, por meio de sua narrativa intertextual. (FERREIRA, 2009, p.27-28).

Vale lembrar que a peça mais importante para o sucesso de Harry Potter é a mesma para a existência da valoração literária de Jauss: o leitor. Para haver uma literatura, uma arte, deve haver primeiro um autor, um artista, pois é ele quem irá dar vida à obra de arte. Todavia, esse autor/artista, antes de tudo, é um leitor, um leitor de mundo. São as experiências desse autor-leitor que estabelecerão fundamentos para a produção de sua obra-prima. Se Harry é um sucesso, isso Rowling deve à sua recepção, ou seja, ao seu público-leitor.

⁸ O autor ainda entrevista algumas das crianças, cuja carta foi selecionada, e anexa cada uma das entrevistas no livro. Adler expressa admiração pelo amor que os jovens fãs de Harry Potter demonstram pelo bruxinho.

1.2. BIBLIOTECA DE HOGWARTS PARA TROUXAS: OS *SPIN-OFFS* DA SÉRIE

Quem pensa que J. K. Rowling só pôde oferecer ao público os sete livros da série está absolutamente enganado. Ela produziu também um conjunto de livros altamente colecionável, de capa dura, vendidos em caixa ou separadamente, direto do mundo de Harry Potter para os trouxas⁹: as edições de *Animais Fantásticos e Onde Habitam* (2001), *Quadribol Através dos Séculos* (2001) e *Os Contos de Beedle, o Bardo* (2008), sendo que três instituições de caridade importantes para J. K. Rowling – *Comic Relief*, *Lumos* e *Children's High Level Group* – são beneficiadas com a venda de cada box com os três livros, ou até de cada livro separadamente, tal como a própria Rowling menciona no prefácio de *Os Contos de Beedle, o Bardo*: “os royalties serão doados ao Children's High Level Group, uma organização cujo objetivo é beneficiar crianças que precisam desesperadamente ser ouvidas” (ROWLING, 2008, p.–XV–).

Um spin-off é um livro, filme ou série de televisão que vem depois – e está relacionado – a um livro, filme ou série de televisão de sucesso; neste caso, livros derivados da série Harry Potter. O grande feito com esses *spin-offs* foi J. K. Rowling ter escrito, para as pessoas do seu mundo, livros que pertencem às pessoas do mundo que ela mesma criou, sob os pseudônimos dos autores Newt Scamander, Kennilworthy Whisp e Beedle – de também sua criação. *Animais Fantásticos e onde habitam* (2001), *Quadribol através dos séculos* (2001) e *Os contos de Beedle, o bardo* (2008) possuem, respectivamente, 63, 64 e 128 páginas, todos publicados no Brasil pela editora Rocco e traduzidos por Lia Wyler, editora e tradutora dos sete volumes da saga Harry Potter.

A Biblioteca de Hogwarts¹⁰ é uma coleção essencial para qualquer casa de bruxos ou de trouxas. Candidatos ansiosos a aprenderem sobre o mundo

⁹ Verbetes criados por J. K. Rowling, nos romances da série, para se referir a pessoas comuns, que não são bruxas, nem têm aptidão para serem.

¹⁰ Kit contendo os três livros *spin-offs* da série Harry Potter, também criados por J. K. Rowling, vendido como promoção em diversas livrarias brasileiras.

dos bruxos irão encontrar, dentro desses livros, um tesouro de fatos mágicos, notas adicionais do ilustre Professor Alvo Dumbledore – personagem da série – , e ilustrações da própria J. K. Rowling.

O livro *Animais Fantásticos e Onde Habitam* (2001) é escrito pelo personagem Newt Scamander, um famoso Mazoologista¹¹; configura-se como um bestiário que contém um breve resumo dos aspectos físicos, psicológicos e naturais dos diversos “seres” mágicos e criaturas que bruxos e bruxas têm o hábito de privar dos olhos curiosos dos trouxas. Os bruxos e bruxas que trabalham com animais mágicos são dedicados a preservar a vida dos trouxas, dos bruxos e de animais, bem como na manutenção do sigilo.

Na primeira metade do livro, há a definição entre animais e a distinção entre animais e “seres”, bem como a forma como alguns destes se mantêm na clandestinidade e por conta própria; os métodos de domesticação, criação, venda e controle também são abordados, além da forma como algumas criaturas nunca devem ser tratadas, devido à sua natureza violenta ou travessa. A segunda metade do livro se trata de uma divisão alfabética dos animais que são considerados válidos à proteção dos bruxos e bruxas. A maioria das criaturas listadas se resume a monstros clássicos da tradição de fantasia e mitologia, outros já são criações – muitas vezes híbridas – existentes apenas no mundo de Harry Potter.

Quadribol Através dos Séculos (2001) é escrito pelo personagem Kennilworthy Whisp, um especialista no esporte fictício Quadribol, o qual registra em seu livro detalhes da história do jogo, sua evolução ao longo dos séculos, assim como outros esportes do mundo bruxo que, ou se tornaram extintos, ou se fundiram ao Quadribol, ou ainda existem até hoje. A lógica e a progressão de usar a vassoura como um modo de transporte também é explicado em detalhes, como a sua história se assemelha a do Quadribol.

Os capítulos finais fornecem uma repartição dos vários times de Quadribol, bem como algumas das manobras e penalidades que acontecem durante uma partida. Mesmo sendo tão fino, o livro é repleto de surpreendentes informações: todos os aspectos do jogo, das bolas, as posições, as origens do campo e até mesmo os passos que os bruxos devem tomar para impedirem os

¹¹ Verbetes criados por J. K. Rowling, nos romances da série, para se referir a bruxos especialistas em todos os tipos de animais, criaturas e seres mágicos.

trouxas de verem; os jogos mais importantes são descritos em pormenores. *Quadribol Através dos Séculos* é uma aventura breve, divertida e informativa acerca do esporte mais popular do mundo dos bruxos.

Os Contos de Beedle, o Bardo (2008) é escrito pelo personagem Beedle, o Bardo, um autor de famosos contos infantis para bruxos; em sua obra, estão contidos cinco contos de fadas ricamente diversos, cada um com seu próprio caráter mágico, que variavelmente trazem prazer, riso e a emoção do perigo mortal. Notas adicionais para cada história, escrita pelo Professor Alvo Dumbledore, podem ser apreciadas por trouxas e bruxos da mesma forma, como as reflexões do professor sobre a moral iluminada em cada um dos contos, além de revelar trechos de informações sobre a vida em Hogwarts. Este é um livro pequeno, de 128 páginas, com design ideal para fazer uma leitura rápida; os cinco contos de fadas, em si, são bem escritos e envolventes, de agradável de leitura, e as notas de Dumbledore têm alguns detalhes interessantes quanto à informação.

Os contos prestam homenagem às tradições do gênero infanto-juvenil, enquanto esculpem um novo nicho na fantasia. Há moralidade nos textos, lado a lado com muito humor e lições a serem aprendidas. Com a leitura de *Os contos de Beedle, o Bardo*, percebe-se que as mensagens que estão no coração dos contos mostram uma admirável habilidade de contar histórias em cada um deles, sem a necessidade de pregar tais moralidades – apenas apresentá-las –, fornecendo ao leitor diversão, o que se pode considerar um feito raro e valioso.

Isso significa dizer que J. K. Rowling conscientemente oferece às crianças e seus pais a oportunidade de contemplar e discutir os temas de um novo conjunto de contos de fadas. O fundo mítico do livro apela para os fãs dos romances. O “autor”, Beedle, o Bardo, viveu no século XV, e suas histórias foram recém-traduzidas para o inglês moderno pela amiga de Harry Potter, Hermione Granger, e os extensos comentários do professor Dumbledore sobre as histórias explicam os significados pretendidos em profundidade. Cinco histórias compõem *Os Contos de Beedle, o Bardo: O Coração Peludo do Mago, O Bruxo e o Caldeirão Saltitante, A Fonte da Sorte, e Babbitty, a Coelha e seu Toco Gargalhante, e O Conto dos Três Irmãos* – este último é a única

história que aparece inteiramente no livro *Harry Potter e as Relíquias da Morte*, e é lida por Hermione Granger.

De acordo com J. K. Rowling (2008, p.–xi–), “As histórias de Beedle se assemelham aos nossos contos de fadas sob muitos aspectos; por exemplo, a virtude é normalmente premiada e o vício castigado”. Eis as lições de Beedle, o Bardo: não sucumbir à intolerância; fazer a sua própria fortuna, em vez de confiar na sorte cega; prosseguir com legítimos valores, em vez de reprimi-los; não tentar governar sobre os outros ou enganá-los; lidar com a morte, fazendo o melhor da vida, evitando a violência ou tristeza passiva. Essas são boas mensagens, tanto para as crianças quanto para adultos. Com seus novos contos, é oferecido aos leitores outra viagem, ainda que breve, para o mundo mágico de Harry Potter. Ela também fornece um novo corpo de contos de fadas que crianças e adultos poderão desfrutar durante gerações.

Pelo fato de serem propriedades de um estudante, esses três livros são cobertos de rabiscos e comentários feitos pelo suposto proprietário – neste caso, o próprio Harry Potter. As pequenas adições feitas pelo bruxinho ajudam a mergulhar o leitor mais profundamente na ideia de que eles estão lendo um livro que pertencia a um estudante da Escola de Magia e Bruxaria de Hogwarts, e que não há conhecimento “real” por trás disso. O fato de cada livro ser bem escrito e divertido, além de ser de baixo custo, e ser destinado para a caridade, ajuda o seu consumo – uma boa leitura e um excelente complemento para fãs fiéis.

Vale ressaltar que o sucesso do kit *Biblioteca de Hogwarts* não seria tão marcante se não fosse o trabalho de marketing que ocorreu por trás dele. J. K. Rowling escrevera *Animais Fantásticos e onde habitam* e *Quadribol através dos séculos* em 2001, durante o intervalo de três anos entre as publicações do quarto e quinto volumes, e *Beedle, o Bardo* em 2008, um ano após a publicação da última aventura de Harry Potter. A possível razão para a criação desses *spin-offs*, publicados sob condições específicas, é o fato de Rowling utilizar-se de técnicas de marketing a fim de continuar vendendo e de tentar institucionalizar sua obra, já que o consumo dos *spin-offs* reflete o poder que a autora tem de cativar ainda mais seu público-leitor, fomentar uma cultura de fãs, além de somar seus preços aos arrecadados pela série original; a autora

também acaba completando o sucesso que a série original teve sob perspectivas de crescimento do seu próprio “negócio”¹².

1.3. EMBARQUE NO EXPRESSO HOGWARTS: DOS LIVROS ÀS TELONAS

Além dos livros acima contemplados como mostra dos produtos gerados a partir da série Harry Potter, abre-se o leque de sucesso de Joanne Rowling, em 1998, quando o jovem bruxo agrada aos olhos dos estúdios Warner Bros. e a empresa cinematográfica compra o direito de adaptação da série para o cinema. O fenômeno chega às telonas em 2001 em meio a alvoroços e histerias, movimentando uma enorme quantia em dinheiro conforme se pode notar em:

Alvoroço no mundo dos trouxas. A agitação planetária indica que algo extraordinário está prestes a acontecer. Quatro anos e 100 milhões de exemplares depois do lançamento do primeiro livro da série estrelada pelo garoto órfão que descobre ser bruxo, o jovem herói chega às telas do cinema. [...] O desembarque de *Harry Potter e a Pedra Filosofal* nos países de língua inglesa está previsto para 16 de novembro. No Brasil, a data marcada é 23. [...] No fim de semana de estréia, será exibido em 4 mil salas nos Estados Unidos, a maior marca da história do país. Na Inglaterra, meio milhão de ingressos já foram vendidos com antecedência para espectadores mais ansiosos. [...] A Warner Bros. do Brasil não revela valores, mas confirma que esse é o maior investimento no país desde 1929. [...] A produção do longa custou US\$ 125 milhões e está dando lucro antes mesmo de chegar às telas. As ofertas de canais de TV pelos direitos de exibição alcançaram os US\$ 160 milhões. A Coca-Cola desembolsou US\$ 150 milhões num contrato que permite associar o garoto ao refrigerante. (VELLOSO, 2011, online)

Harry Potter e a Pedra Filosofal, primeiro filme da série, é uma viagem mágica, mas também intensa. Teve seu roteiro escrito por Steve Kloves, adaptado do livro homônimo de J. K. Rowling, foi produzido por David Heyman e dirigido por Chris Columbus. É estrelado por Daniel Radcliffe, Rupert Grint e Emma Watson, todos os três integrantes do grupo britânico dos “Milionários com Menos de 30 anos”, segundo a revista inglesa *Heat*.

A sequência cinematográfica *Harry Potter e a Câmara Secreta*, adaptação do segundo volume homônimo da saga de Rowling, é mais

¹² Só o box com os três *spin-offs* soma um lucro de vendas de mais de 21 milhões de libras. Para maiores informações, acessar sites < <http://www.comicrelief.com/news/harry-potter-book-profits-go-comic-relief>> e <<http://criancas.uol.com.br/novidades/2008/12/17/os-contos-de-beedle-o-bardo-de-jk-rowling-quebra-recorde-de-vendas-no-ano.jhtm>>.

assustadora do que o primeiro da série e os personagens passam muito tempo em perigo extremo. Manteve o quadro de roteirista, produtor e diretor do filme anterior. Neste novo filme, há criaturas assustadoras, incluindo montes de aranhas grandes e uma enorme serpente que pode matar qualquer um que olha em seus olhos. Foi notícia na revista Istoé:

O Halloween cai no dia 31 de outubro, mas neste ano o verdadeiro Dia das Bruxas foi adiado para 15 de novembro. A razão é a chegada nesta data aos cinemas americanos do filme *Harry Potter e a câmara secreta* (Harry Potter and the chamber of secrets, Inglaterra/Estados Unidos, 2002), que no Brasil estréia nacionalmente na sexta-feira 22. [...] É bom que se diga logo: este episódio é ainda melhor do que o primeiro. Mas os pequenos corações mais sensíveis que se cuidem. A história é muito mais aterrorizadora, com aranhas gigantes, cobras e outros bichos saindo pelo ladrão (FREITAS JR, 2002, online).

Harry Potter e o Prisioneiro de Azkaban, terceiro filme homônimo ao terceiro volume da saga de J. K. Rowling, já apresenta, em meio ao tema fantástico, jovens mais velhos e os temas mais obscuros. Após a morte do ator Richard Harris, que interpretava o diretor Alvo Dumbledore, foi escalonado um substituto, o irlandês Michael Gambon, que permaneceu até o último longa-metragem da franquia. Para o terceiro filme, Chris Columbus, o diretor das duas adaptações anteriores, desempenhou a função de produtor, cedendo seu lugar a um novo diretor, Alfonso Cuarón, cujo trabalho anterior demonstrou talento visual feroz e grande sensibilidade em trabalhar com crianças e adolescentes, de acordo com Isabela Boscov:

No terceiro capítulo da saga, que estreia nesta sexta-feira no país, o diretor mexicano Alfonso Cuarón demonstra olho clínico para o que não funcionou nos dois outros filmes e uma percepção precisa do que faltava a eles. O resultado é uma reforma tanto no atacado como no varejo e um certo desapontamento – pelo que os episódios anteriores poderiam ter sido, e não foram. (BOSCOV, 2004, online).

Ele manteve a essência que garantiu o sucesso dos primeiros filmes de Harry Potter e enriqueceu a adaptação do terceiro com sua própria visão, articulada perfeitamente com o tom da história e da crescente complexidade dos temas e personagens.

Harry Potter e o Cálice de Fogo, quarta adaptação cinematográfica homônima ao quarto volume da obra de Rowling, é dirigido por Mike Newell, que aumenta o quociente assustador das adaptações. Para Isabela Boscov:

O quarto episódio da série é na verdade um thriller, em que todos os acontecimentos, mesmo os mais díspares, resultam da determinação de Lorde Voldemort em obter três gotas do sangue do jovem bruxo para assim recuperar sua forma humana. É o caso, inclusive, de

pensar duas vezes antes de levar crianças pequenas ao cinema: guiado por essa obsessão maligna, *O Cálice de Fogo* é não raro amedrontador. (BOSCOV, 2005, online).

A quarta adaptação cinematográfica teve uma das cenas deletadas, a qual aparece em destaque no DVD, mostrando casais adolescentes após o Baile de Inverno sendo pegos se beijando em carruagens – provavelmente porque aí há um pouco mais de conteúdo sexual do que o esperado pelo público infantil do livro, demonstrando o controle (e certo moralismo também!) que a Warner Bros. detinha do que ia ser ou não apresentado ao público.

Harry Potter e a Ordem da Fênix é a quinta película, homônima ao quinto volume da série e um dos filmes mais esperados pelos leitores por ser a adaptação do maior de todos os livros, o que, aos olhos de Ana Alice Gallo, colunista do jornal Folha Online, foi um problema, pois

[...] traduzir as mais de 700 páginas (no caso da edição brasileira) para a linguagem do longa-metragem obrigou Yates a reduzir algumas passagens da narrativa a meras citações. Em outros momentos, o diretor fez escolhas um tanto arriscadas de eliminar certos trechos que, se não forem retomados no próximo longa, levarão os espectadores a um universo paralelo ao dos leitores. (GALLO, 2007, online).

Harry Potter e o Enigma do Príncipe, sob a direção de David Yates, mostrou que a adaptação homônima ao sexto livro de J. K. Rowling, definitivamente, não é mais um simples filme para crianças – em todos os sentidos. Este filme continua a tendência da série em termos de direção, mais sombria e intensa; há personagens que morrem, que ficam ensanguentados, que são torturados, que foram amaldiçoados, que são perseguidos por assustadores mortos-vivos, que sofrem decepção amorosa, que sofrem grandes transtornos emocionais e psicológicos, muito embora o diretor David Yates tenha optado por enfatizar os romances abordados no livro. Wendy Ide, crítica do *The New York Times*, “escreveu que o despertar romântico dos personagens, que vários críticos disseram ser muito mais inocente do que as coisas que acontecem na vida real entre jovens de 16 e 17 anos, pode agradar mais aos espectadores adultos do que às crianças” (COLLETT-WHITE, 2011, online).

É com esse filme que se pode ter uma noção da dimensão que a série *Harry Potter*, neste ponto, chegou. Para as filmagens de *O Enigma do Príncipe*, um grupo de fãs participa de um concurso na Inglaterra, e a jovem Evanna

Lynch se torna “notícia no mundo inteiro ao ser escolhida entre milhares de fãs da série para entrar no time de "Harry Potter". Na época, a garota irlandesa saiu do anonimato para interpretar nas telas a "exótica" Luna Lovegood, sua personagem favorita dos livros. (FONSECA, 2010, online)

O sétimo e último livro da heptologia Harry Potter, *Harry Potter e as Relíquias da Morte*, foi adaptado cinematograficamente, e dividido em duas películas: *Parte 1* e *Parte 2*. Dirigidos por David Yates, ambas as adaptações podem ser classificadas como o final épico. Doris Miranda, da redação do jornal Correio da Bahia, comenta a respeito dessa divisão em duas partes:

Quando a Warner Bros. anunciou que iria dividir em dois *As Relíquias da Morte*, o sétimo filme da série Harry Potter, muitos acharam que se tratava de uma clara tentativa de lucrar mais com o final da saga cinematográfica do bruxinho criado pela autora inglesa J.K. Rowling e que faturou quase US\$ 6,3 bilhões ao redor do mundo. Mas, depois de ver *As Relíquias da Morte – Parte II*, de David Yates, que estreia hoje mundialmente também em versão 3D, o público percebe que a decisão foi uma cartada de mestre. (MIRANDA, 2011, online).

Mais especificamente em *Harry Potter e as Relíquias da Morte: Parte 2*, o diretor David Yates dá um acabamento espetacular ao final das adaptações cinematográficas da obra de J. K. Rowling, mudando a atmosfera mais narrativa de *Parte 1* para um filme implacavelmente intenso em ação e guerra, tal como sugere Doris Miranda:

Sem a magistral (e introspectiva) apresentação que o diretor nos deu em 2010, este episódio seria só um mergulho radical nos importantes eventos que encerram a saga. Mas, com todo o preparo emocional, apresentado por Yates num ritmo incomum às obras do gênero, as inúmeras sequências de ação, combate e conflito moral entre o bem e o mal deste filme, orçado em US\$ 200 milhões, ganharam um sabor peculiar a ser digerido com poções iguais de adrenalina e lágrimas. (MIRANDA, 2011, online).

Para Doris Miranda, após a última adaptação, Harry Potter pode se eternizar na história da cultura, pois se trata “de um ícone da cultura pop que estabeleceu um novo padrão para a fantasia moderna” (MIRANDA, 2011, online), isso devido aos elementos místicos, às criaturas mágicas e assustadoras, à seriedade e ao tom de thriller apresentados no decorrer das oito adaptações. O público de cinema contemporâneo espera das películas os truques e efeitos necessários para conquista-los, visto que a sociedade vem sendo caracterizada por seu cotidiano acelerado.

J.K. Rowling não teve tempo suficiente para ser muito criativa ou descritiva em seus últimos volumes, porque a demanda por suas adaptações

ao cinema era alta, caracterizada mediante um público visual e exigente, o qual esperava, ansiosamente, pelo próximo filme. A série Harry Potter foi muito bem nos cinemas também pela competência de seus diretores, bem como pelo set de filmagem, efeitos visuais e especiais deslumbrantes. A escolha do elenco também fez parte do sucesso do filme, pois os fãs acabavam se identificando com eles, internalizando a ideia de que, por mais que estivessem vendo jovens utilizando magia, o crescimento e a evolução das personagens (bem como do elenco) trouxe um ar de identificação ao espectador.

Esses fatores foram bem trabalhados pelas empresas cinematográficas a fim de cativar o maior número de espectadores possível, e a Warner Bros. mostrou sua força publicitária e cinematográfica, investindo muito na série Harry Potter, principalmente ao trazer diferentes diretores renomados para os oito filmes, deslocando, assim, o estatuto de J. K. Rowling como uma entidade solitária e detentora de todo o poder sobre o bruxinho, visto que na cultura massiva e industrializada, a realização da obra é mais coletiva, envolvendo vários sujeitos e suas funções. Realmente, “vai ser difícil superá-lo” (MIRANDA, 2011, online).

1.4. A MARCA DA CICATRIZ EM FORMA DE RAIOS: OUTROS PRODUTOS HARRY POTTER

Merchandising é o processo de criação de produtos relacionados a uma marca específica, uma ferramenta “de marketing e comunicação de grande efeito no processo de persuasão e de estímulo à venda e à compra de produtos” (COSTA; TALARICO, 1996, p.65). Normalmente, uma marca é licenciada para outras empresas, as quais vão fabricar, promover e vender produtos com base nessa marca. A teoria por trás do merchandising é de que os produtos são melhor vendidos quando possuem uma marca de imagem popular, cuja atuação se dá como uma forma de publicidade, aumentando a consciência e reconhecimento de uma marca. Com a popularidade de Harry Potter, veio uma enxurrada de mercadorias na forma de camisetas, adesivos, *band-aids*, doces, cartazes, filmes, brinquedos, jogos eletrônicos e um parque temático.

Quando a Warner Bros obteve os direitos de licenciamento da marca Harry Potter, eles certamente viram cifrões. “Harry Potter é um ativo maior que qualquer outro jamais visto, e não estamos nem perto do ponto de saturação’, declarou Diane Nelson, vice-presidente sênior da Warner Brothers, em junho de 2003” (SARVANI; MUKUND, 2005, p.1). Sob a supervisão da autora J. K. Rowling, a Warner Bros então propôs vender esses direitos de merchandising para vários fabricantes e empresas, estendendo a marca da cicatriz em forma de raio.

Depois que a Warner Brothers adquiriu os direitos mundiais sobre os filmes e para licenciamento de Harry Potter, ela foi abordada por um exército de interessados em licenças. Graças às exigências de J.K. Rowling, contudo, a empresa teve de ser muito cuidadosa ao escolher os licenciados. Na verdade, todo o plano de marketing para Harry Potter foi muito bem pensado e estruturado de forma controlada e em fases. (SARVANI; MUKUND, 2005, p.4).

Um grupo diversificado de empresas adquiriram direitos de licenciamento para a marca Harry Potter, incluindo Coca-Cola, Electronic Arts, LEGO, Mattel, Hasbro, Gund, Tonner Doll, Whirlwood, a coleção Noble (fabricante de itens colecionáveis), Neca (fabricante de figuras de ação) e outras mais.

As vendas de DVDs representam uma importante fonte de receita para a Warner Bros e as equipes por trás da marca Harry Potter. Não só DVDs de filmes populares alugam e vendem muito bem, mas eles também oferecem uma outra maneira para a marca ser comercializada, atingindo, deste modo, diferentes audiências. *Harry Potter e o Cálice de Fogo* entrou para o Guinness Book como o DVD vendido mais rapidamente de todos os tempos. Para ampliar ainda mais as vendas de DVD, a equipe de marketing por trás da marca Harry Potter desenvolveu uma variedade de embalagens e mercadorias incorporadas: DVDs incluindo bônus e bastidores podem ser comprados em pacotes de discos individuais ou boxes de dois discos com mais informações especiais e jogos interativos, ou até acompanhados de camisas ou canecas contendo a logomarca da Harry Potter. Da mesma forma, a trilha sonora de Harry Potter já vendeu milhões de cópias em todo o mundo.

Jogos eletrônicos para computadores e videogames são também um componente vital da marca Harry Potter. A Electronic Arts é responsável pela criação desses jogos, que são lançados no mercado com o intuito de coincidir

com o lançamento de cada filme da série Harry Potter, todos supervisionados e aprovados por J. K. Rowling, para garantir que os jogos de Harry Potter sejam coerentes com a imagem da marca que ela criou, e com a que os fãs esperam. A Electronic Arts fabricou, também, dois jogos independentes chamados Harry Potter: Copa Mundial de Quadribol e LEGO Creator: Harry Potter.

A autora J. K. Rowling criou uma série de guloseimas mágicas que Harry e seus amigos gostam. Sapos de Chocolate, Tortas de Abóbora, Cervejas Amanteigadas e Feijõezinhos de Todos os Sabores são apenas algumas das muitas delícias que são populares no mundo dos bruxos. Embora estes alimentos sejam mais referenciados do que descritos em detalhe, fãs da saga têm feito o seu melhor para recriá-los. Já existem sites na internet contendo muitas receitas para serem seguidas. Além disso, empresas se aproveitaram da popularidade de Harry Potter para recriar os alimentos mencionados nos livros da melhor forma possível. Claro que muitas vezes é impossível recriar com precisão os alimentos devido ao fato de que muitos deles necessitam de “magia” para existirem.

Em *Harry Potter e a Pedra Filosofal*, Harry fica surpreso quando seu sapo de chocolate salta para fora da janela. “Nossos” sapos de chocolate não se movem. No entanto, vêm com um cartão colecionável de um bruxo famoso, igual àqueles nos livros. A criação de alimentos de maior sucesso são os Feijõezinhos de Todos os Sabores, cada feijãozinho, dentro da caixa, possui um sabor diferente, dos mais tradicionais, como os de frutas, aos mais excêntricos, como capim, molho de carne, vômito e cera de ouvido. Há, inclusive, um momento no primeiro livro quando o Professor Dumbledore fala sobre eles:

Ah, feijõezinhos de todos os sabores! Quando era moço tive a infelicidade de encontrar um com gosto de vômito, e desde então receio que tenha perdido o gosto por eles. Mas acho que não corro perigo com um gostoso caramelo, não acha? – E sorrindo jogou um feijãozinho caramelo escuro na boca. Então se engasgou e disse: – Que pena! Cera de ouvido. (ROWLING, 2000a, p.256).

Cada fã tem agora a oportunidade de experimentar e sentir o que sentiriam se fizessem parte do livro de Rowling. Essa sensação de pertencimento a um determinado universo cultural, Henri Tajfel (1982) chama de identificação social, “processo através do qual se reúnem os objetos ou acontecimentos sociais em grupos, que são equivalentes no que diz respeito às

ações, intenções e sistemas de crenças do indivíduo” (TAJFEL, 1982, p.289). Como exemplo, temos a cultura oriental do *Cosplay*, abreviação de "Costume Play", que se caracteriza como um tipo de arte performática – de tendência e procedência japonesa –, cujos participantes equipam-se com trajes e acessórios bem elaborados, para parecerem ao máximo com um personagem específico de mangás, animes, quadrinhos, vídeo games, filmes de fantasia, etc.

Os participantes *Cosplay* – os *cosplayers* – formam uma subcultura centrada em vestir trajes e reencenar ou inventar comportamentos, provavelmente inspirados em parecerem-se com um personagem em particular, seja nos salões de uma convenção de fãs ou no palco, e agirem como o personagem faria. Uma tendência dessa cultura *pop* contemporânea, recente em eventos de *cosplay*, é o aumento na popularidade de personagens de fantasia e ficção científica do universo não-japonês, talvez devido ao sucesso internacional dos filmes *Star Wars*, *O Senhor dos Anéis* e *Harry Potter*.

Na cultura ocidental, roupas são, também, uma maneira popular de mostrar a sua lealdade, sua paixão para com algo ou alguém famoso. Desta forma, encontram-se pessoas vestindo camisas de times de futebol, com personagens de histórias em quadrinhos e logomarcas famosas estampados. Não seria diferente com Harry Potter. Há camisas que normalmente apresentam personagens populares, o brasão de Hogwarts, ou as cores de uma das quatro casas – Grifinória, Sonserina, Lufa-Lufa e Corvinal. Estas roupas, geralmente, não estão disponíveis em lojas regulares de roupas, mas online. Em ocasiões especiais, como festas temáticas sobre Harry Potter, pré-estreias à meia-noite do dia de lançamento dos filmes, ou Dia das Bruxas, os fãs de Harry Potter podem vestir-se com vestes de Hogwarts completas.

Não há uma séria concorrência para com outras marcas. Um aspecto importante da marca Harry Potter foi a navegação entre os riscos de se tornar um modismo de curto prazo ou a longo prazo, uma marca sustentável. A longevidade da marca Harry Potter vai depender do controle de J. K. Rowling sobre futuras extensões ou aditamentos à marca. Em 31 de maio de 2007, a Warner Bros e a Universal assinaram um acordo de licenciamento de 10 anos, com a opção de renovação por dois períodos de cinco anos, dando à Universal o direito de construir um parque temático no Universal Orlando Resort, em

Orlando, Florida: O Mundo Mágico de Harry Potter. Tal parque temático é uma reprodução real dos quatro principais locais da obra de Rowling: A Escola de Magia e Bruxaria de Hogwarts, o vilarejo de Hogsmeade, o Bêco Diagonal e a Estação de King's Cross.

O Castelo de Hogwarts é uma característica icônica de O Mundo Mágico de Harry Potter. Dentro do castelo você pode explorar as salas de aulas, os corredores da escola, o escritório do Professor Dumbledore e a sala de Defesa Contra as Artes das Trevas – tudo como se você fizesse parte da trama. As pinturas dos quadros e o Chapéu Seletor, assim como na obra, movem-se e falam com você como se você estivesse passeando pelo castelo. No escritório do Professor Dumbledore, há uma projeção holográfica da imagem do ator Michael Gambon – que interpreta o Dumbledore –, a qual simula o professor dando as boas vindas aos visitantes e orientando-os acerca do que se pode fazer no castelo, como voar acima dos terrenos de Hogwarts num hipogrifo, tal como Harry Potter fez.

Há a possibilidade de entrar na Sala de Bens Confiscados do Filch, e encontrar itens da coleção de tesouros do zelador Argus Filch, confiscados de alunos de Hogwarts, desfrutar de um coro de estudantes de Hogwarts, acompanhados de seus sapos coaxantes, e ainda assistir ao cortejo de alunos da Academia de Magia Beauxbatons e do Instituto Durmstrang – escolas que foram a Hogwarts para o Torneio Tribruxo –, e ver como eles demonstram suas habilidades através de performances encantadoras.

O vilarejo vizinho a Hogwarts, Hogsmeade, também é uma das atrações do parque. Lá, foram reproduzidas as lojas que aparecem nos livros, como as tabernas Três Vassouras e Cabeça de Javali, onde os visitantes podem tomar a famosa cerveja amanteigada tão consumida pelos personagens da série; a Dedosdemel, uma loja repleta de doces das histórias de Harry Potter, incluindo Feijõeszinhos de Todo os Sabores e Sapos de Chocolate; o Olivaras, uma pequena loja na qual se pode, assim como os bruxos, comprar uma varinha ou até as réplicas da varinha de um dos personagens da série; a Zonko's – Logros e Brincadeiras, possui uma variedade de itens únicos para pegadinhas, brincadeiras (de mau gosto, às vezes) e piadas; e, por fim, a Dervixes e Bangué, loja que vende *souvenirs*, artigos de quadribol e vestuário igual ao que os personagens usam nos filmes.

Baseando-se no fenômeno global que é O Mundo Mágico de Harry Potter, o Universal Orlando Resort e a Warner Bros Entertainment anunciaram uma expansão de proporção histórica totalmente nova do parque temático: O Beco Diagonal. Programado para abrir em 2014, a nova área irá trazer à realidade algumas das experiências e lugares encontrados dentro e ao redor de Londres, nos livros e filmes de Harry Potter, oferecendo aventuras totalmente novas para os fãs. E – como nos livros e filmes – as pessoas serão capazes de viajar de Londres (réplica da Estação de King’s Cross) a Hogsmeade, a bordo da réplica do Expresso de Hogwarts. O Beco Diagonal contará com lojas, restaurantes e uma reprodução do banco Gringotes – tudo diretamente inspirada na ficção e filmes.

Analisar esta série de narrativas, este tipo de composição literária e a dimensão que seu consumo alcançou, avalia a recepção da série Harry Potter como um fenômeno editorial e cultural – *Pottermania* –, num momento em que o processo de convergência midiática tem se tornado mais frequente e intenso, como será apresentado na próxima seção

2

POTTERMORE E A CONVERGÊNCIA DA POTTERMANIA: ENTRE FANDOMS E NARRATIVAS TRANSMÍDIAS

Essas pessoas jamais vão entendê-lo! Ele vai ser famoso, uma lenda. [...] Vão escrever livros sobre ele. Todas as crianças no nosso mundo vão conhecer o nome dele.
(J. K. Rowling)

A saga Harry Potter, de J.K. Rowling, e a franquia subsequente que surgiu em torno deles são um fenômeno cultural. A saga é caracterizada, não só pela ampla influência no comportamento de consumo das pessoas, mas também por uma rápida ascensão à fama. Milhões de pessoas, de todas as idades já leram a obra, assistiram aos filmes, compraram mercadorias e escreveram *fanfictions* e comentários em sites dedicados a toda e qualquer assunto sobre o bruxinho.

De acordo com Henry Jenkins, o ambiente criado em torno da saga é um resultado inevitável do que ele classifica como mídia de convergência:

Por convergência, refiro-me ao fluxo de conteúdos através de múltiplos suportes midiáticos, à cooperação entre múltiplos mercados midiáticos e ao comportamento migratório dos públicos dos meios de comunicação, que vão a quase qualquer parte em busca das experiências de entretenimento que desejam. Convergência é uma palavra que consegue definir transformações tecnológicas, mercadológicas, culturais e sociais, dependendo de quem está falando e do que imaginam estar falando. [...] No mundo da convergência das mídias, toda história importante é contada, toda marca é vendida e todo consumidor é cortejado por múltiplos suportes de mídia. (JENKINS, 2009, p.21).

Jenkins (2009) também fornece uma explicação de como esse novo tipo de mídia de convergência está impactando o mundo social. Para ele, a convergência de mídias é mais do que simplesmente uma mudança tecnológica. Ela altera a relação entre tecnologias, indústrias, mercados, gêneros e públicos existentes; refere-se a um processo sempre contínuo, o qual causa impactos na nossa forma de consumir mídias. Especificamente, os

livros de Rowling provocaram muitos novos tipos de mídia que representam uma situação comum no tratamento da mídia de convergência.

Os fãs da série de Rowling podem experimentar dialogar sobre os personagens e suas histórias, resumir capítulos, debater temas, criar *fanfictions* originais, fazer seus próprios filmes e distribuir tudo isso internacionalmente, através da Internet. Nesse sentido, infere-se que a convergência está ocorrendo em múltiplos aparelhos, dentro da mesma franquia, da mesma autoria, e com os mesmos consumidores de uma mesma *fandom*.

2.1. FANDOMS DE HARRY POTTER

O fenômeno Harry Potter – mais conhecido como *Pottermania* – representa um exemplar da cultura da convergência. Um livro entrou no mundo dos bens culturais, tornou-se popular e foi traduzido para uma infinidade de novos meios de comunicação para as pessoas participarem e experimentarem. Como resultado de seu sucesso, a saga tornou-se polêmica, inspirando vários debates. Os debates em torno da saga de J.K Rowling são, em parte, responsáveis por estimular o interesse contínuo no conteúdo; o fenômeno de Harry Potter e a interação da popularidade da saga com a devoção dos fãs, em conexão com as opiniões e julgamentos sobre ela, são o que tornam um caso ideal para entender como um evento, como um fenômeno da cultura *pop* pode influenciar a construção de significados sociais.

O posto de fenômeno cultural alcançado pela obra de Rowling fez com que a saga deixasse de ser apenas um livro, não sendo mais suficiente para as pessoas dizerem simplesmente que gostaram ou não de Harry Potter. Em vez disso, a saga e seus seguidores inspiraram um discurso que incorporou a expressão de categorias sociais na linguagem. O conceito de categorias sociais é baseado na teoria da identidade social. A teoria postula que os grupos sociais criam identidades sociais baseadas em significados compartilhados. Segundo Miguel Lage:

A identidade social decorre do conhecimento que indivíduo tem em saber que pertence a vários grupos sociais e da significância emocional e simbólica que essa pertença acarreta. [...] Em vez de focar nos papéis que os consumidores pretendem desempenhar, a teoria da identidade social foca os processos e relações de grupo - a

identidade é formada baseando-se na pertença a um grupo e é função do valor e ligação emocional dada à pertença a um dado grupo. [...] A categorização social pode ser considerada por isso como um sistema de orientação que define o lugar do indivíduo na sociedade. (LAGE, 2009, p.26).

Assim, os indivíduos categorizam seus mundos sociais, classificam-se em grupos e se envolvem em comparações sociais entre esses grupos. Fenômenos da cultura popular introduzem um discurso de maneiras que vão muito além de pessoas expressando gostar ou não gostar, aprovação ou desaprovação, julgamento ou elogio a uma obra de entretenimento. A Teoria da identidade social nos permite entender como um fenômeno da cultura popular como a obra de J.K. Rowling vai além de abastecer as vidas do seu público-leitor com imagens de bruxos e filmes de grande sucesso para invocar categorias sociais na cultura Harry Potter.

A Teoria da identidade social fornece uma maneira de analisar a forma como a comunicação afeta a comunicação. Assim, esta é uma estrutura para a compreensão de como o discurso em torno do fenômeno Harry Potter teve implicações ideológicas para as pessoas. A história do menino bruxo tornou-se alvo de especulação; muitas pessoas começaram a iniciar conversas com a pergunta "*Você já leu Harry Potter?*". Dessa mesma forma, o que aconteceria com o futuro de Harry Potter começou a ser cada vez mais culturalmente relevante, e perguntas surgiram sobre o impacto que as histórias estavam tendo em crianças, adultos e qualquer pessoa que entrou em contato com o material. Essa interação mostra uma estrutura ideológica clara ao discurso.

Desta forma, ao examinar como palavras e temas relacionados com o conteúdo de Harry Potter estão circulando, é possível entender como empregar a palavra "trouxa" ou até mesmo chamar alguém de "trouxa", o que, de fato, é uma manifestação de categorias sociais. As categorias sociais representadas através de novas expressões são o primeiro vislumbre de como Harry Potter é, na verdade, uma parte da cultura da convergência, ou o que Jenkins descreve:

Comunidades de conhecimento formam-se em torno de interesses intelectuais mútuos; seus membros trabalham juntos para forjar novos conhecimentos, muitas vezes em domínios em que não há especialistas tradicionais; a busca e a avaliação de conhecimento são relações ao mesmo tempo solidárias e antagônicas. Investigar como estas comunidades de conhecimento funcionam pode nos ajudar a compreender melhor a natureza social do consumo contemporâneo de mídia. (JENKINS, 2009, p.48).

Os livros e suas respectivas versões cinematográficas da saga Harry Potter conquistaram muitos seguidores ao redor do mundo. Muitos produtos diferentes surgiram – e ainda continuam a surgir. A história original que J.K. Rowling escrevera já findou, contudo, o Fenômeno Harry Potter encontrou uma forma para firmar sua convergência contínua, através da criação dos seus *fandoms*.

Basicamente, os fãs estabelecem grupos em torno de narrativas apreciadas, de onde desenvolverão capital cultural próprio e reclamam, literalmente, o domínio sobre os sentidos manifestados na obra de seu interesse, conformando o que é designado como *fandom*. Isto é sintoma da nova maneira de ser na sociedade em midiatização, isto é, de tecno-interações, as quais moldam a experiência cultural. (JACQUES FILHO, 2012, p.2-3).

O termo “fã” é geralmente usado para descrever uma pessoa que gosta ou é dedicada a uma atividade ou assunto específico, como ficção científica e fantasia. *Fandom* é uma expressão que descreve a coleção geral de fãs interessados em ficção científica, ou pode ainda fazer referência a um conjunto de indivíduos dedicados a um único elemento de ficção científica, ou a um determinado autor, filme ou programa de televisão. A cultura fã, a qual Henry Jenkins (2009, p.378) descreve como “cultura produzida por fãs e outros amadores para circulação na economia *underground* e que extrai da cultura comercial grande parte de seu conteúdo”, desenvolveu-se rápida e expansivamente ao longo das últimas décadas, em parte devido ao aumento do interesse em ficção científica de mídia e a utilização da comunicação *online*.

Os *fandoms* de Harry Potter continuam a crescer e a sua semelhança com outros grupos culturais, mais comumente reconhecidos, não pode ser ignorada. Como dito acima, os fãs criaram suas próprias formas de linguagem, literatura, arte, etc., baseados em seus textos preferidos, neste caso a obra de J.K. Rowling; criaram, dentre muitas coisas:

[...] histórias alternativas para o bem simbólico preferido, a criação de filmes amadores que desenvolvem narrativas alternativas inspiradas no universo ficcional admirado e, por fim, a elaboração de legendas para material midiático em língua estrangeira. (MAZETTI, 2009, p.2).

Ao criar estes aspectos e atividades culturais, os fãs criaram um tipo de comunidade da qual somente eles poderiam participar plenamente. Cada uma dessas atividades é um modo de comunicação no qual os fãs interagem e se relacionam entre si para criar uma comunidade íntima, mas muito diversificada.

Embora existam diferentes níveis de participação por fãs, os *fandoms* são comunidades onde os fãs são capazes de construir "identidades culturais" através do apego textual da mídia.

Henry Jenkins, para a sua definição de narrativa transmídia, propõe uma análise do universo da franquia de filmes Matrix, em um dos capítulos do seu *Cultura da Convergência*. Para ele, uma narrativa transmídia está relacionada com a coparticipação de uma história em convergência, ou seja, torna possível:

[...] a experiência de interagir com a história em diversos formatos e pode ser usada como estratégia para envolver e despertar maior interesse no público. Uma história transmídia desenrola-se através de múltiplas plataformas de mídia, com cada novo texto contribuindo de maneira distinta e valiosa para o todo. (JENKINS, 2009, p. 138).

Levando essa definição como ponto de partida, Jenkins sugere exemplos para ilustrar o conceito, tanto em termos de estratégias de produção e extensões de fãs: o universo narrativo de Harry Potter (livros, filmes, jogos eletrônicos) ilustram a ideia de que, em sua opinião, as estratégias de transmidialidade não necessariamente acompanham a ascensão da mídia digital, isto é, narrativas transmídias podem ser perfeitamente viáveis sem o uso de novas tecnologias. Essas últimas têm sido utilizadas principalmente como facilitadoras, pelos criadores modernos de universos transmídia.

Fãs, imersos em um universo narrativo amplo como o de Harry Potter, se esforçam para produzir suas próprias extensões transmídia, o que Jenkins (2009) chama a lógica da performance. A exemplo, temos os fãs do bruxinho que conseguem construir réplicas de artefatos encontrados na série, os que redublam algumas cenas dos filmes e em seguida compartilham em plataformas como o YouTube, ou até aqueles que participam de Duelo de Bruxos e jogos de Quadribol fictícios, como ocorreu na Hogwarts Convention – convenção nacional da franquia, sendo a última sediada na cidade de São Paulo, ao final do mês de novembro de 2013 e que contou com a participação de atores das versões cinematográficas (talvez o motivo mais forte para o sucesso do evento), discussão de temas relacionados a Harry Potter, disputas entre *fandoms*, desfiles de *cosplay*, consumo de iguarias encontradas nos romances, vendas da série em suas múltiplas mídias, etc.

Harry Potter é uma das manias de consumo mais surpreendentes dos últimos anos. Tanto é assim, que pode não haver uma única pessoa em

qualquer lugar que não tenha ouvido falar do bruxinho e dos livros que levam seu nome. Até o fim da saga, sete livros foram publicados e cerca de 450 milhões de cópias foram vendidas em todo o mundo. Tal vendagem coloca o menino bruxo em terceiro na lista dos mais vendidos de todos os tempos, perdendo para a *Bíblia* (cerca de 6 bilhões de cópias) e para os pensamentos do ex-líder chinês Mao Tsé-Tung em seu *Livro Vermelho* (cerca de 850 milhões de cópias). A obra de J.K. Rowling, além disso, fora convertida em vários segmentos midiáticos diferentes. Não se pode negar que é um fenômeno de marketing impressionante. O fenômeno Harry Potter alcançou proporções epidêmicas. O menino bruxo é a maior exportação cultural da Grã-Bretanha desde os Beatles e James Bond; é, sem dúvida, um gigante da cultura de consumo contemporânea.

Os sete livros que compõem a saga Harry Potter se tornaram um sucesso editorial excepcional. Como dito anteriormente, a vendagem já ultrapassou a marca de 450 milhões de cópias, tornando-o o *best-seller* mais impactante e influenciador de todos os tempos; já fora mencionado, também, que a criação de J. K. Rowling ultrapassou a fronteira editorial, abrangendo oito filmes, jogos de computador e videogames, um parque temático, diversas mercadorias e outros conteúdos midiáticos relacionados. De acordo com Patrícia Pitta:

O estudo das obras da série Harry Potter tem sua justificativa no fato de que uma obra literária lida por milhões dificilmente “virará poeira”, pois seu registro no intelecto humano com certeza produzirá frutos, independente do julgamento estético que se faça da obra. (PITTA, 2006, p.12.).

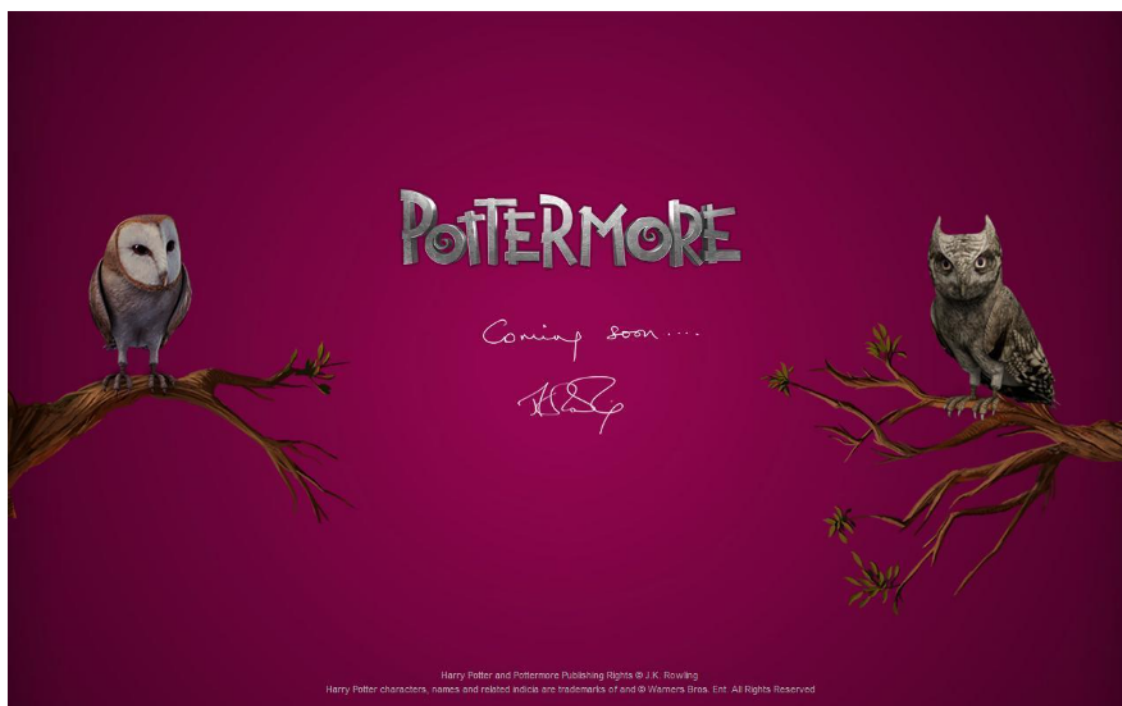
Assim sendo, após a criação dos *fandoms*, a série Harry Potter se tornou fenômeno de cultura de fãs, a *Pottermania*, o qual se caracteriza como um marco cultural, suscitando investigações a respeito de se essa febre por Harry Potter seria apenas uma moda que um dia cairia no esquecimento, ou se cristalizaria a série nas memórias da cultura *pop* contemporânea.

2.2. IMPERIO! A REVELAÇÃO DE J.K. ROWLING COMO GÊNIO DO MARKETING

A autora da série Harry Potter, saltou do esquecimento para o estrelato. A série de livros terminou com *Harry Potter e as Relíquias da Morte*, em 2007, e em 2011, o capítulo final da série de filmes chegou ao fim. A questão era evidente: como todo e qualquer best-seller, Harry Potter entraria no esquecimento e nada mais seria produzido a seu respeito? A resposta acabou por ser *Pottermore*, um site, criado por Rowling, que permite que o internauta vivencie a história original encontrada nos sete volumes da série, linear e interativamente, contendo informações inéditas (uma espécie de “cenas deletadas” dos livros, que só aparecem agora no site), *ebooks* à venda, blog para interação entre fãs e *fandoms*, e a possibilidade de postar narrativas criadas por fãs – as *fanfictions*.

Em 2011, surgiram murmurinhos a respeito de um site com o nome de *Pottermore*, o qual comportaria novos conteúdos acerca de todo o universo de Harry Potter. Quando o próprio site apareceu, ele apresentou apenas a mensagem “Coming Soon...” (Em Breve...), assinada por Rowling, como vemos abaixo:

Figura 1



Fonte: <http://www.eureview.com.br/wp-content/uploads/2014/12/latest.jpg>

Quase como se estivesse pronunciado “*Imperio*^{13!}”, Rowling inicia seu marketing atraindo fãs calouros e veteranos, apenas com uma frase que despertara curiosidade entre seus seguidores, os quais comentavam com outros que viriam a segui-la também. Trata-se de um marketing do boca-a-boca induzido, mascarado de altruísmo, pois Rowling sugere ter criado o *Pottermore* como retribuição aos fãs que seguiram Harry Potter tão devotamente ao longo dos anos sob a promessa de trazer as conhecidas histórias do bruxinho – e inéditas, também! – a uma nova geração de leitores. Nesta fase de sua carreira, fantásticamente lucrativa, o dinheiro, que costumava ser a força motriz para Rowling, cede lugar ao domínio longitudinal da marca Harry Potter em prol da institucionalização de sua obra.

Após certo tempo no ar, surgiram fragmentos de informações e um link para um vídeo postado no Youtube, com J. K. Rowling dizendo que gostaria de retribuir a dedicação dos fãs do bruxinho criando o site Pottermore, com o intuito de promover uma experiência de leitura para a geração digital, diferente de qualquer outra já vivida, com acesso total às histórias, podendo participar delas, bem como comprar versões da saga em *audiobooks* digitais e *e-books* da série:

Depois de treze anos do primeiro livro de Harry Potter ter sido publicado, ainda estou impressionada e encantada pela recepção que as histórias tiveram. Mesmo já tenham o sétimo livro e o oitavo filme sido concluídos, ainda recebo centenas de cartas toda semana e os fãs de Harry estão mais entusiasmados e criativos como nunca. Então gostaria de aproveitar a oportunidade para agradecer a vocês, porque nenhum autor poderia ter pedido por uma comunidade leitora mais maravilhosa, diversificada e leal. Estou emocionada em dizer que agora posso dar a vocês algo único. Uma experiência de leitura online diferente de qualquer outra. Ela se chama Pottermore¹⁴.

Rowling criara, então, uma forma de compartilhar informações adicionais que esteve acumulando por anos sobre o mundo de Harry Potter. A autora age,

¹³ Verbetes criado por J.K. Rowling, apresentado na série como o feitiço da maldição *Imperius*, a qual faz com que a vítima, sem questionar, obedeça as ordens do bruxo que a lançou, como uma espécie de hipnose.

¹⁴ Tradução minha do trecho: “Thirteen years after the first Harry Potter book was published, I’m still astonished and delighted by the response stories met. Even on the seventh book and the eighth film have now been completed, I’m still receiving hundreds of letters every week and Harry’s fans remain enthusiastic and inventive as ever. So I’d like to take this opportunity to say thank you because no author could ever ask for a wonderful typhus and loyal readership. I’m thrilled to say that I am now in a position to keep you something unique. An online reading experience unlike any other. It’s called Pottermore”. Disponível em: <http://www.youtube.com/watch?v=JXw_0YEIZZ8>. Acesso em: 22 jul. 2014

assim, como criadora e promotora do *fandom* da sua série para os anos subsequentes, uma tentativa de eternizar sua obra. Se J.K. Rowling tivesse anunciado o mesmo projeto em brochura, certamente o impacto imediato teria sido maior, contudo, devido à natureza interativa do *Pottermore* e o fato de que cada romance seria lançado fragmentado, com meses de intervalo, esse enredo transmidiático suscita uma longevidade para o bruxinho.

Para Jenkins (2009), aqueles que compactuam com a ideia de narrativas transmídia, na qual os editores misturaram a leitura tradicional (em brochuras) com outros meios de comunicação – da forma que Rowling fez com *Pottermore* –, devem ver tais materiais como uma expansão do nosso conhecimento e aprofundamento da nossa experiência da história a ser lida, permitindo cada meio fazer o seu melhor.

A outra coisa a se notar é que *Pottermore* também se configurou como um lugar onde se pôde, pela primeira vez (naquela época, em 2011), ser capaz de obter histórias acerca do universo de Harry Potter em formato eletrônico: os *audiobooks* e os *e-books*. Nenhum outro varejista seria capaz de vender os *e-books* da franquia Harry Potter – incluindo Amazon, respeitado site de vanguarda em vendas de livros impressos e *e-books*. Os livros estiveram disponíveis para venda direto do site do *Pottermore*, em arquivos compatíveis com todos os dispositivos leitores de *e-books*, incluindo o Kindle, da Amazon.

2.3. DA PLATAFORMA 9 ³/₄ À PLATAFORMA POTTERMORE

Para aqueles que já leram um dos livros de Harry Potter, ou visto um dos filmes, a Plataforma 9 ³/₄ não precisa de introdução. Para os que ainda não tiveram tais oportunidades, precisam saber que este local pseudo-ficcional na estação de trem de Kings Cross, na cidade de Londres, é o lugar onde o Expresso de Hogwarts começa sua longa jornada para a Escola de Magia e Bruxaria de Hogwarts. Para encontrar essa plataforma fracionada, basta o bruxo se posicionar entre as plataformas 9 e 10, correr em sua direção, e atravessar para Plataforma 9 ³/₄, em um universo paralelo. Assim fazem

aqueles que que atravessam pelo computador para chegarem à Hogwarts do mundo virtual, só que por via da Plataforma Pottermore.

Parte da infinidade de diferentes manifestações do fenômeno Harry Potter em vários meios de comunicação pode ser atribuída à época de seu lançamento. Harry Potter nasceu paralelo a muitos aspectos da revolução digital e da introdução de Web 2.0 e da mídia social. Neste sentido, a criação do *Pottermore* é lógica e consistente, uma vez que ele lança para além dos limites da convergência de mídias e recombina diferentes manifestações da marca Harry Potter, já instalada no mercado: de um lado, os livros, filmes e jogos, e de outro, meios de comunicação social, *fandoms* e plataformas online relacionadas não oficiais, a exemplo dos sites *Potterish*, *Floreios e Borrões*, do *fandom A Varinha*, e da plataforma *Pottermore*. Como a própria Rowling colocou, a adição mais crucial no site que ela criou é o fã, espelhando uma observação de Henry Jenkins acerca do papel essencial do fã como um participante ativo em narrativas transmedia:

Para viver uma experiência plena num universo ficcional, os consumidores devem assumir o papel de caçadores e coletores, perseguindo pedaços da história pelos diferentes canais, comparando suas observações com as de outros fãs, em grupos de discussão online, e colaborando para assegurar que todos os que investiram tempo e energia tenham uma experiência de entretenimento mais rica. (JENKINS, 2009, p.49).

Ou seja, *Pottermore* é uma produção significativa em relação à evolução das narrativas transmídia, uma vez que, na contramão dos produtos mais convencionais de mídia, anteriores a Harry Potter, o anúncio da publicação de material novo e adicional de J.K. Rowling é uma informação crucial; os conteúdos e paratextos teriam o potencial ideal para manter o *fandom* de Harry Potter vivo, embora a narração original tenha chegado ao fim com o lançamento do filme final em julho de 2011.

Inicialmente, o acesso ao *Pottermore* ficou restrito a um milhão de usuários, contudo, em 2012, o site ficou disponível para qualquer pessoa. Basicamente, o site funciona como uma plataforma de distribuição de conteúdos relacionados a Harry Potter para os novos e veteranos leitores. Ele

está disponível em cinco línguas: Inglês, espanhol, italiano, francês e alemão. Das dez abas na página principal, a primeira explica o propósito do *Pottermore*:

Experimente as histórias de Harry Potter, como nunca antes, com Pottermore.com, de J.K. Rowling. Saiba mais sobre o mundo bruxo enquanto você descobre novos escritos exclusivos da própria autora. Explore cenas-chave da jornada de Harry e comece a sua própria. Experimente tudo isso de graça. Registre-se para começar¹⁵.

Pottermore, então, trata-se de um serviço gratuito no qual os visitantes precisam ser registrados para poderem desfrutar do material de apoio e participar das atividades como se fossem bruxos como, por exemplo, misturar poções, praticar feitiços e duelar com outros usuários. Em suma, o *Pottermore* funciona como uma rede social e plataforma de comunicação para os fãs e leitores, oferecendo experiências interativas e de multimídia que envolvem jogos, desafios e quantidades substanciais de conteúdo adicional fornecido pela autora, além de apresentar loja como uma estratégia de publicação, varejo e distribuição de conteúdo de mídia digital, através do *Pottermore Shop* – loja online para se comprar *e-books* de Harry Potter e *audiobooks* digitais, e de um blog – o *Pottermore Insider*, com publicação de *fan arts*.

J.K. Rowling é quem está por trás do site *Pottermore*. As editoras Bloomsbury e Scholastic – editora das versões britânica e americana, respectivamente – são citadas como parceiros, tal como a Warner Bros, que detém os direitos do filme e gerencia as questões de direitos da marca Harry Potter, a Electronic Arts, com os produtores de jogos. A autora manteve os direitos digitais de Harry Potter para auto-publicação da série, demonstrando um controle no fornecimento de publicação em cadeia. Como tal, *Pottermore* foi capaz de estreitar laços entre editores, distribuidores, revendedores digitais, provedores de tecnologia, autores, agentes, leitores e fãs.

Na contemporaneidade, a quantidade de livros que estão sendo publicados anda aumentando, tal como a luta pela atenção e reconhecimento

¹⁵ Tradução minha do trecho: "Experience the Harry Potter stories like never before with Pottermore.com from J.K. Rowling. Learn more about the wizarding world as you discover exclusive new writing from the author herself. Explore key scenes from Harry's journey and begin your own. Experience it all for free. Sign up to begin". Disponível em: <<https://www.pottermore.com/en-us/>>. Acesso em: 22 jul. 2014.

deles. Instaurou-se uma cultura de produção e consumo de best-sellers, uma literatura essencialmente mercadológica. Além disso, os livros estão competindo por espaço com outros formatos de mídia, como as suas respectivas adaptações cinematográficas, jogos eletrônicos, e uma infinidade mais de formatos disponíveis na Internet. *Pottermore.com* conseguiu se destacar neste ambiente midiático saturado de produtos acerca de Harry Potter. De acordo com Fernando Moreno da Silva:

Os esforços se voltam para uma maior audiência, para uma maior tiragem, pois, se assim o fizer, maior será o lucro. Dessa forma, a produção cultural contemporânea, incluindo a literatura, afinal, o mercado editorial é uma das engrenagens que movimentam a indústria cultural, organiza-se segundo a lógica do mercado. (SILVA, 2006, p.4)

Para Silva, do ponto de vista do marketing, um dos principais objetivos na gestão de uma marca é fazer com que seus produtos ou serviços se destaquem, certificando-se de que os consumidores mantenham a impressão correta dessa marca. A indústria editorial de *best-sellers* está muito exposta a riscos financeiros, no sentido de que seu negócio depende de ser capaz de dizer o que vai ser um *best-seller*. Poucas editoras têm uma marca que possa competir com qualquer um dos seus autores mais famosos ou com os outros títulos de *best-sellers* em termos de reconhecimento. Isso não quer dizer que as editoras não tenham marcas poderosas, na verdade, em alguns aspectos, marcas editorais têm um impacto mais forte do que os nomes dos autores e títulos dos livros em série, numa visão a longo prazo. Pode-se aferir que, em termos de força, a marca Harry Potter tem mais impacto mercantil do que sua autora, J.K. Rowling, e é mais valiosa para as editoras do que como apenas títulos de livros, quando se tenta levar o conteúdo para o mercado.

Pottermore controla e protege a marca Harry Potter de lançamentos antecipados de conteúdos relacionados ao bruxinho, de *fan fictions* não autorizadas – ficções escritas por fãs acerca de uma determinada obra, série ou personagem, sem o consentimento do(a) autor(a), e de comercialização da marca por qualquer pessoa que não sejam Rowling e seus parceiros oficiais. Desta forma, o site configura-se como uma continuação lógica da gestão da marca Harry Potter no mundo. *Pottermore* pode ser visto como a resposta

digital para a pirataria e compartilhamento de arquivos – questões preocupantes na indústria editorial contemporânea.

O universo dos livros é marcado por um enorme fluxo de novos títulos; e caracteriza-se pela criatividade e inovações artísticas. Até recentemente, a indústria de livros foi cuidadosa no quesito investimento em invenções tecnológicas, contudo as coisas mudaram ao longo dos últimos anos, especialmente após o lançamento do Kindle¹⁶, *smartphones* e *tablets*. As editoras passaram então a produzir novos formatos de livros, os *e-books*¹⁷, os quais oferecem amplas oportunidades para contar histórias através de diferentes meios de comunicação, as narrativas transmidiáticas, nos termos de Jenkins.

Curiosamente, os detentores dos direitos para os filmes e jogos de Harry Potter, a Warner Bros e a Electronic Arts, não detêm participação no *Pottermore*. Ambas as empresas têm vasta experiência com conteúdo digital e audiovisual, mas foram postas de lado para o lançamento do site *Pottermore.com*. Quem apoia o designer do site é a Sony. A interessada dominante do *Pottermore* é a própria autora J. K. Rowling, indicando, assim, que os escritores podem ter um papel de destaque na cadeia de suprimentos digitais.

Com o avanço dos *e-books*, a publicação de seu trabalho diretamente para o leitor tornou-se uma opção cada vez mais viável para os leitores e fãs, podendo-se considerar a iniciativa de Rowling uma das mais extravagantes em uma linha de empreendimentos de auto-publicação. No âmbito brasileiro, o mesmo empreendimento foi feito por Paulo Coelho, em seus *blogs*. Sayonara Oliveira (2010) afirma que, no ano de 2006, o autor publicou alguns capítulos de seu *A bruxa de Portobello* online, mas findou as postagens com a publicação do seu livro completo, contudo “sua página virtual permaneceu aberta para a entrada de comentários” (OLIVEIRA, 2010, p.12).

¹⁶ Livro eletrônico, um leitor de *e-books* portátil com uma tela, semelhante a um *tablet*, no qual se pode pagar por *download* de vários livros, armazená-los e lê-los onde quiser.

¹⁷ livros eletrônicos lidos digitalmente através de computadores, *laptops*, *smartphones*, *tablets* e/ou dispositivos chamados de leitores de *e-book*.

É interessante investigar se a iniciativa de J. K. Rowling é ou será seguida por tentativas semelhantes de outros grandes autores, uma vez que há muito poucos autores de seu calibre comercial por aí afora, tais como James Patterson, Stephenie Meyer, Suzanne Collins e Veronica Roth, que publicam em grande escala, o que poderia ter grandes repercussões numa indústria editorial cada vez mais preocupada e centrada em *best-sellers*. *Pottermore* é um exemplo de que o poder de um autor de *best-sellers* pode ser convergido para o mundo digital, transformando-o em um “mediador cultural”, nos termos de Sayonara Oliveira (2010), tal como ela sugere ter acontecido com Paulo Coelho e seus blogs:

A singularidade dos blogs de Paulo Coelho pode ser flagrada na iniciativa do autor de criar um canal alternativo de interlocução com os leitores na mídia digital, o que dá mostras de sua versatilidade como mediador cultural, antenado com as tecnologias mais avançadas. É sintomático que a ideia da criação desse espaço tenha partido de um escritor cuja trajetória se imprime de firmes incursões na cultura midiática, convergentes com o alargamento de sua produção no mercado editorial. (OLIVEIRA, 2010, p.12-13)

Ao lançar *Pottermore*, J. K. Rowling ampliou a marca Harry Potter em territórios que são difíceis de controlar pela grande proporção que as narrativas podem tomar em perspectiva transmidiática. Jenkins, então, sugere que a multimodalidade das narrativas transmidiáticas é representada pelos momentos interativos que há nos livros, os quais, em *Harry Potter e a Pedra Filosofal*, por exemplo, incluem um processo de triagem feito pelo Chapéu Seletor e a loja de varinhas do Olivaras. Estes permitem que fãs desfrutem de novas formas de interagir com a história. Ao invés de simplesmente serem dadas novas informações sobre os textos, os usuários do *Pottermore* se tornam uma parte do texto, ou seja, a recepção se iguala à produção, como uma ação sobre a tecnologia, por meio de sua interação com o Olivaras e o Chapéu Seletor, permitindo-lhes a melhor forma de integração na ficção e compartilhamento entre usuários.

Para um *fandom* tão ativo quanto o de Harry Potter, o *Pottermore* levanta algumas questões interessantes quanto à cultura participativa. De acordo com Jenkins, cultura participativa é aquela que:

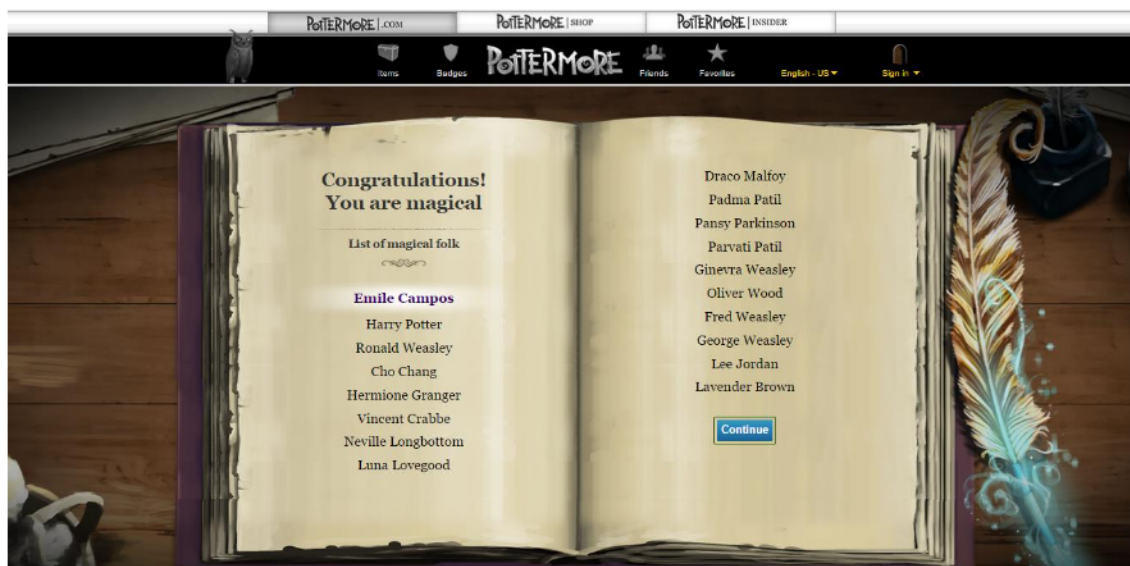
1. Impõe poucas barreiras à expressão artística e ao engajamento cidadão;
2. Dá muito apoio à criação e ao compartilhamento;
3. Oferece algum tipo de orientação informal pelo qual o conhecimento

dos mais experientes é passado adiante para os iniciantes; 4. Onde os membros acreditam que suas contribuições são importantes; 5. Onde os membros sentem algum grau de conexão social com os outros, ou ao menos se importam com o que as outras pessoas pensam sobre o que criaram. (JENKINS, 2006, p.3).

Por conseguinte, a cultura participativa compreende atividades que envolvem as pessoas apreciando, discutindo e relendo um texto específico. Com o advento da tecnologia mais sofisticada, a cultura participativa tornou-se mais acessível a todos. Com relação ao site *Pottermore*, então, torna-se instigante examinar não só a forma como os usuários do site são capazes de interagir com o texto e com os outros fãs, mas as formas em que são configuradas as relações de poder entre J. K. Rowling, a Sony e os fãs de Harry Potter.

Primeiramente, o leitor/jogador deve preencher formulários com seus dados reais (nome, data de nascimento e país de origem), criar uma senha de acesso e responder a quais livros e filmes da série Harry Potter consumiu. Após isso, o leitor/jogador recebe a notícia de que é um ser mágico, e tem seu nome anexado à lista dos alunos calouros de Hogwarts – os demais nomes são os nomes dos calouros memoráveis da série.

Figura 2



Fonte: <https://www.pottermore.com/en-us/register/6>

Em *Pottermore*, os leitores passam através de cada capítulo cronologicamente antes de prosseguir para a próximo, atendendo à lógica dos videogames. Cada capítulo contém momentos que podem ser explorados, como itens que podem ser coletados para uso posterior (dinheiro, ingredientes

para feitiços, livros). Numa seção de comentários, em que os usuários do *Pottermore* podem deixar comentários sobre o momento que estão vivenciando, o capítulo pelo qual estão passando ou até sobre o próprio site. Os comentários deixados no site são uma combinação de reações de fãs ao *Pottermore* e à série Harry Potter como um todo. Os usuários raramente parecem interagir uns com os outros nessas seções de comentário, mas há momentos que permitem maior participação do usuário na forma de *fan art*. Os usuários recebem uma opção para carregar a sua própria obra de arte para o site, desenhos pertinentes que, sujeitos à aprovação do moderador – a própria J. K. Rowling –, serão exibidos no site.

Quando os usuários progridem através do site, se comprometem na mesma viagem como Harry, descobrindo o armário sob as escadas, encontrando Hagrid e recebendo uma carta de aceitação da Escola de Magia e Bruxaria de Hogwarts. Deve-se, inclusive, passar no banco de Gringotes para sacar dinheiro e ir ao Beco Diagonal, fazer a compra dos materiais listados na carta: fardamentos na Madame Malkin - Roupas para todas as ocasiões, livros na Floreios e Borrões, ingredientes no Boticário, a varinha no Olivaras, animais de estimação no Empório das Corujas, etc. Esses itens são essenciais para os estudantes de Hogwarts e podem ser escolhidos pelos próprios usuários do site, permitindo, assim, que os fãs tenham uma experiência muito mais imersiva no mundo de Harry Potter.

No entanto, o momento em que os fãs recebem as varinhas, talvez, seja a primeira seção excitante do local. No livro, Olivaras diz a Harry Potter que ele não pode escolher a varinha, pois é a varinha é quem o escolhe. Tal como no livro, a varinha escolhe o fã que estiver conectado no site. É nesse momento que se nota a interferência de Rowling nas decisões dos fãs: para ser escolhido por uma varinha, os usuários devem responder a seis perguntas elaboradas por J. K. Rowling, e, com 3 núcleos, 38 tipos de madeira e uma variedade de comprimentos e flexibilidades, os usuários têm a sensação de que estarão recebendo uma varinha “única”, a sensação de que foram escolhidos pela varinha, tal como as personagens da série são. Depois de passar pelo Olivaras, o próximo momento importante para os fãs é a cerimônia de

ordenação¹⁸ – ritual no qual os bruxos que entram no primeiro ano de Hogwarts são submetidos, para saberem em qual casa deverão pertencer e, assim, poderem iniciar suas vidas como estudantes bruxos dessa escola.

Semelhantemente ao momento Olivaras, os fãs respondem a uma série de perguntas, todas elaboradas por Rowling:

Então, é isso... O Chapéu Seletor está prestes a decidir em qual casa você entrará. Uma vez decidido, você poderá ganhar pontos e competir pela Taça da Casa. E, caso se sinta confiante, poderá duelar com outros estudantes. Responda com sinceridade. Afinal, a decisão do Chapéu é definitiva. Boa sorte¹⁹.

O Chapéu Seletor, em seguida, escolhe uma casa com base nas respostas dadas a essas perguntas e uma mensagem de boas-vindas para a casa é exibida. Mais uma vez, a participação dos fãs imersos no *Pottermore* é manipulada pela autora da série.

A geração Harry Potter que cresceu com esses livros se identifica com uma das quatro casas em particular, uma escolha feita durante a leitura dos livros, muito antes da incursão do teste do Chapéu Seletor de J. K. Rowling no *Pottermore*. O grande problema é uma possível frustração por não fazer parte da casa que se gostaria, pois os fãs são alocados de acordo com as respostas dadas no questionário. Na perspectiva dos estudos de Henry Jenkins (2009), infere-se que, embora o site aponte para uma estrutura mais aberta de participação, na qual os fãs partilham pensamentos, especulações e *fan arts*, o Chapéu Seletor não passa de um recurso de interatividade pré-programada, ou seja, Rowling está oferecendo aos fãs o que eles já têm em seus próprios termos. Quando isso é agravado, ao ser colocado dentro da casa não desejada, corre-se o risco de os fãs poderem ficar desiludidos com o site e, assim, sentirem-se menos inclinados a participar de jogos e adicionar conteúdo

¹⁸ Essa cerimônia, carregada de simbolismo, pode ser, talvez, uma analogia aos ritos homônimos religioso e de cavalaria, nos quais sacerdotes e escudeiros passavam por um ritual de iniciação aos cargos de bispo e cavaleiro respectivamente.

¹⁹ Tradução minha do trecho: "So, this is it... The Sorting Hat is about to decide in which house you will be join in. Once sorted, you can collect house points and compete for the House Cup. And, if you're feeling confident, you can duel with other students. Answer truthfully. After all, the Hat's decision is final. Good luck". Disponível em: <<http://www.pottermore.com/en-us/sorting>>. Acesso em: 22 jul. 2014.

gerado por eles. Isso sugere que há outras implicações para a cultura participativa que o *Pottermore* procura promover.

De acordo com a dinâmica da plataforma, o site superou as expectativas dos fãs, passando a agir como parte integrante dos próprios fãs, sem data prevista para extinguir-se, pois, devido à natureza interativa do *Pottermore*, e ao fato de que de cada parte do enredo é lançado com meses de intervalo, o enredo *Pottermore* não pode concluir por hora. O *fandom* de Harry Potter está à beira de embarcar em uma nova jornada monumental, algo que nunca aconteceu e provavelmente nunca vai acontecer de novo. *Pottermore*, sem dúvida, é uma experiência única; no anúncio que J. K. Rowling deu em junho de 2011, ela disse:

É a mesma história, com algumas adições cruciais; a mais importante é você. Da mesma forma que a experiência de leitura pede que a imaginação do autor e a do leitor trabalhem juntas para criar a história, assim será construído o *Pottermore*, em parte, por você, leitor. A geração digital terá condições de usufruir de uma experiência online de leitura segura e única, construída a partir dos livros de Harry Potter. *Pottermore* será o lugar onde fãs de toda idade poderão compartilhar, participar e redescobrir as histórias. Também será o lugar exclusivo para comprar audiobooks, e pela primeira vez, e-books da série Harry Potter. Também farei parte, pois compartilharei informações adicionais que estive acumulando por anos sobre o mundo de Harry Potter. *Pottermore* estará aberto para todos a partir de outubro, mas poucos sortudos poderão entrar mais cedo e ajudar a moldar a experiência. Simplesmente siga a coruja.²⁰

De acordo com J. K. Rowling, a experiência de leitura exige um trabalho conjunto em cima da imaginação do autor e seus leitores para que haja uma boa história e que, assim sendo, o site *Pottermore.com* seria construído, em parte, pelos leitores. Os usuários são capazes de fazer *upload* de alguns tipos de conteúdo gerado por eles mesmos, bem como de interagir uns com os outros de forma limitada no site. Mas a afirmação de que *Pottermore* será

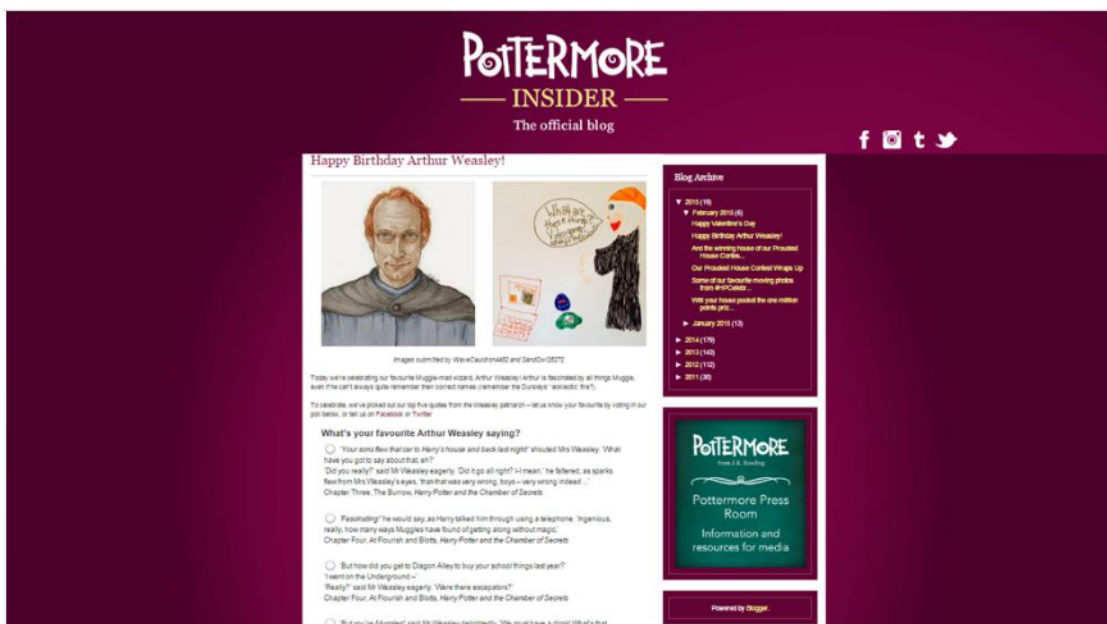
²⁰ Tradução minha do trecho: "It's the same story with a few crucial additions, the most important one is you. Just as the experience of reading requires that the imaginations of the author and reader work together to create the story, so *Pottermore* will be built in part by you, the reader. The digital generation will be able to enjoy a safe, unique, online reading experience built around the Harry Potter books. *Pottermore* will be the place where fans of any age can share, participate and rediscover the stories. It will also be the exclusive place to purchase digital audiobooks and, for the first time, eBooks of the Harry Potter series. I'll be joining in too because I'll be sharing additional information I've been holding for years about the world of Harry Potter. *Pottermore* is open to everyone from October, but lucky few can enter early and help shape the experience. Simply follow the owl. Good luck". Disponível em: <http://www.youtube.com/watch?v=JXw_0YEIZZ8>. Acesso em: 22 jul. 2014

construído, em parte, pelo leitor, é um tanto discutível, uma vez que a participação do leitor é mera interatividade com a plataforma, pois os conteúdos já foram criados e desenvolvidos; além disso, o fato de o usuário do site poder postar suas *fanfictions* representa, antes de tudo, uma desculpa para Rowling ter acesso a tudo aquilo que está sendo escrito a respeito de sua obra, mostrando, assim, um controle, um domínio.

No vídeo de apresentação do *Pottermore*, Rowling convida cada fã a se preparar para a próxima etapa do fenômeno Harry Potter, na qual a leitura animada ofusca a monotonia das palavras estampadas em página dos livros, transformando-as em origamis de aranha, coruja, chapéu – mostrando o quão dinâmico será essa nova experiência de ler Harry Potter na mídia digital.

A questão de se *Pottermore* incentiva ou regula a cultura participativa não é, então, tão fácil de responder como pode parecer. Dentro da plataforma, além das seções de leitura e vendas, há uma terceira, mais nova, intitulada *Insider*, o blog oficial, criado pela autora, para promover a participação dos fãs, como podemos observar na imagem abaixo:

Figura 3



Fonte: <http://insider.pottermore.com>

Para Jenkins (2009), a cultura participativa tem baixas barreiras à expressão artística e engajamento cívico, e apoia a criação e a partilha de

criações, fazendo com que seus membros sintam um grau de conexão social entre si. No entanto, embora nem todos os membros contribuam numa cultura participativa, todos devem acreditar que são livres para contribuir, e que, o que eles contribuem, será devidamente valorizado. Isso significa dizer que, distinguir participação de simples interatividade é saber diferenciar o que é intencional do não-intencional, entre criação e reprodução. Desta forma, infere-se das ideias de Jenkins (2009) que a cultura participativa, por sua natureza, não pode definir como ela será usada, já que convida o participante a usá-la de forma que expresse a sua criatividade em um único e surpreendente caminho. O participante tem a oportunidade de se tornar parte do todo.

O site *Pottermore*, em parte devido aos problemas que levaram ao atraso no seu lançamento e, em parte, devido às restrições impostas aos seus usuários por causa de regras em torno da segurança da criança e direitos da autora, não parece ter muitos usuários que acreditam ser livres para contribuir, ou que suas contribuições serão devidamente valorizadas. *Pottermore*, mesmo contando com uma *fandom* de Harry Potter que participa ativamente, não proporciona um incentivo à expressão criativa, portanto, caracterizando-se como uma tecnologia interativa, em vez de uma forma de cultura participativa.

Infere-se da Figura 2 que Rowling abre espaço para seus fãs postarem seus desenhos (*fan arts*), mostrando que há participação, como prometido no lançamento da plataforma, em 2011. Entretanto, nos questionários, Rowling leva seus seguidores a fazerem escolhas, de temas, diálogos, expressões prediletas contidas nos livros, mas não os deixa escolher, apresentando-lhes um material pré-selecionado por ela. Assim, permitir que os usuários façam *upload* apenas de *fan art* para o site, limita as maneiras de interação entre eles.

Toda uma questão da tentativa de deter o poder sobre tudo relacionado a Harry Potter parece permear os fins de *Pottermore*, o qual realmente acaba por regular a cultura participativa, mesmo sendo o site rico em informações novas acerca da série Harry Potter, uma vez que a autora cria esse tipo de mídia a fim de ampliar sua capacidade de influenciar outros meios quaisquer, baseada na ideia de que

[...] a revolução midiática computacional afeta todos os estágios da comunicação, incluindo aquisição, manipulação, arquivamento e distribuição, afetando também todos os tipos de mídias – textos,

imagens fixas, imagens em movimento, sons e construções espaciais. (MANOVICH, 2002, p. 43)²¹.

Pensar, portanto, o *Pottermore* como um projeto de narrativa transmídia visionário, no atual cenário cultural, se justifica por Harry Potter ser uma franquia de mídia relativamente grande; a plataforma de J.K. Rowling é fruto de um complexo cruzamento de textos através da troca de informações relacionadas com a história, e mistura diferentes meios de comunicação social no desenrolar da narrativa. Observa-se que Harry Potter tem sustentado uma série de comunidades de fãs extremamente fervorosos, que serviram para troca de informações, pontos de encontro, estúdios de criação de ficção de fãs – as *fanfictions*. Jenkins (2009) aponta que esses sites de fãs não foram oficialmente sancionados e, portanto, não poderiam ser controlados nem rentabilizados por Rowling e seus parceiros empresariais – tema a ser tratado na seção a seguir.

²¹ “Tradução minha do trecho “[...] computer media revolution affects all stages of communication, including acquisition, manipulating, storage and distribution; it also affects all types of media -- text, still images, moving images, sound, and spatial constructions”.

3

GRANDES AUTORES VOCÊ ENCONTRA NA FLOREIOS E BORRÕES: O PÚBLICO ESCREVE HARRY POTTER

A história que amamos nunca termina. Se você voltar às páginas ou olhar para a tela novamente, Hogwarts estará lá para te receber de braços abertos.

(J.K. Rowling)

Como visto anteriormente no *Pottermore*, J.K. Rowling prometeu fornecer as histórias inéditas que ela criou, bem como informações adicionais e um espaço interativo – e não necessariamente participativo – *online*, exclusivo para os seus fãs. A plataforma se destina, também, a preencher as lacunas na narrativa, publicando textos e materiais artísticos produzidos por fãs – as chamadas fanfictions e fan arts, respectivamente. Contudo, se buscarmos por arquivos sobre Harry Potter na internet, veremos que *Pottermore* está claramente atrasado em matéria de cultura participativa.

Harry Potter, o menino que sobreviveu, enfrenta o vilão Lord Voldemort bravamente durante toda a história. Parece totalmente inspirador para qualquer criança que leia os sete volumes saber que um jovem pode enfrentar um adulto, muito mais experiente, habilidoso e poderoso, e sair vitorioso no final das contas. A história do menino bruxo, recheada e coberta por magia, acaba deixando claro essa superação do mais fraco contra o mais forte, da superação que os jovens podem ter, embora seja sempre frisado que as aventuras narradas por Rowling não passam de ficção infantil. Eis que surge Heather Lawver, uma trouxa que provou como a determinação de Harry Potter e seus amigos pode, sim, influenciar seus jovens leitores, fãs de carteirinha.

Heather Lawver, uma adolescete americana (em 2001) que era fascinada por escrever histórias, moveu o teórico Henry Jenkins, professor de Ciências Humanas e diretor fundador do Programa de Estudos de Mídia Comparada do Instituto Tecnológico de Massachusetts, EUA, a buscar entender melhor de que forma os jovens participavam da cultura. Jenkins percebeu que Heather, bem como outros leitores de Harry Potter, verdadeiros

consumidores culturais, começaram a lutar – e *ainda estão lutando!* – “pelo direito de participar mais plenamente de sua cultura” (JENKINS, 2009, p.46).

Em seu *Cultura da Convergência*(2009), Henry Jenkins afirma que agora, definitivamente, o momento é de transição, no qual o sistema de mídia instaurado está desaparecendo, cedendo espaço a outro, de cultura participativa, ou seja, a sociedade com poucas empresas controlando o aparato de narrativas está dando lugar a um tipo muito mais complexo de mídia, na qual cidadãos comuns têm a habilidade de tomar o poder da tecnologia e contar suas próprias histórias, de novas e poderosas maneiras. Mais precisamente no capítulo cinco do referido livro, Henry Jenkins faz uma análise do caso da adolescente Heather Lawver, que criou o site *The Daily Prophet*, a fim de auxiliar crianças a terem um melhor entendimento sobre escrita criativa, com um melhoramento de suas habilidades como consequência. De acordo com Heather Lawver:

O Daily Prophet é uma organização dedicada a dar vida ao mundo da literatura... A criação de um “jornal” on-line, com artigos que levam os leitores a acreditar que o mundo fantástico de Harry Potter é real, faz com que a mente se abra para explorar livros, mergulhar nos personagens e analisar a grande literatura. O desenvolvimento, em tenra idade, da capacidade mental de analisar a palavra escrita faz com que as crianças tomem um gosto pela leitura diferente de todos os outros. Ao criarmos este mundo de mentirinha, estamos aprendendo, criando e nos divertindo numa amigável sociedade utópica (LAWVER, online).

Sob a análise dessa passagem, Jenkins infere que, na maioria dos casos como o de Heather Lawver, as situações onde jovens têm um ritual intelectual e criativo se encontram bem mais frequentemente fora da escola do que dentro, que as coisas com as quais eles se importam são as que fazem depois que o dia letivo terminava. Depois de conhecer alguém como Heather, Henry Jenkins parte para buscar pessoas que se juntam – mas sem a presença de experts –, que aprendem umas com as outras, uma vez que a internet está causando uma renascença da cultura em relação à dominação, nas últimas décadas, das mídias de massa.

Em livrarias de várias partes do mundo, à meia-noite, leitores ansiosos munidos de varinhas e vestindo roupões, óculos redondos e tatuagens em forma de raio temporária, invadiam, ávidos para serem os primeiros a saborearem o novo volume da série. Esta não é a primeira vez que uma série popular de livros foi transformada em uma bem sucedida série de filmes, mas

a sobreposição entre as versões literárias e cinematográficas do ciclo Potter era incomum e provou ser influente. Notavelmente, um grande número de pessoas estava ansioso para experimentar as mesmas histórias duas vezes (ou mais), e se alguns podem ter uma preferência por Harry Potter em prosa, outros podem tem em imagens, e/ou vice-versa, sendo que, parece seguro atestar, a maioria acabava realizada por ter ambas as versões de Potter.

No entanto, o real motivo para Henry Jenkins dedicar um capítulo de seu livro à adolescente Heather Lawver, foi a “Guerra de Harry Potter”. Os fãs de Harry Potter encontraram uma espantosa maneira de expressar o seu amor, às vezes desafiando a supremacia da Warner Brothers, estúdio que detém os direitos sobre as adaptações cinematográficas homônimas da série.

Desde o início, o estúdio tinha sido rigoroso quanto à proteção de sua propriedade, “o estúdio seguia uma antiga prática de procurar websites cujos domínios usassem frases protegidas por direitos autorais ou marca registrada até se deparar com um de seus maiores bloqueios: Heather Lawver, quando ainda tinha 13 anos e criou o site *The Daily Prophet* (agora inativo). Warner Brothers, na tentativa de encerrar mais um site de fãs, processou Heather Lawver, fazendo a mesma iniciar um boicote às mercadorias Potter, movimento que ficou conhecido como Guerra de Harry Potter. É diante dela que Jenkins afirma que “fãs de um popular seriado [...] podem capturar amostras de diálogos [...], resumir episódios, discutir sobre roteiros, criar *fanfiction* (ficção de fã) [...], fazer seus próprios filmes – e distribuir tudo isso ao mundo inteiro pela Internet”. (JENKINS, 2009, p. 44).

A Guerra de Harry Potter ganhou uma dimensão significativa, e a Warner recuou como representantes da ação, declarando que nenhum dano foi causado ou pretendido pela adolescente. A partir dos estudos de Henry Jenkins, infere-se que Heather Lawver representa a defesa do poder fã, fazendo surgir o primeiro grande movimento de fãs bem-sucedido, na contramão das afirmações de que os detentores dos direitos autorais do bruxinho são os principais produtores de mídia. Certamente foi um momento marcante para pottermaníacos, um tipo de triunfo para os fãs, mas a Warner Bros., depois de tudo, ainda possui os direitos do filme, atestando, de certa forma, que tem um poder maior do que o de um simples fã.

Mais de uma década após o fim da Guerra de Harry Potter, a ideologia

– senão o espírito utópico – dos consumidores de mídia, afirmando suas vozes e sendo capazes de sugar o poder da mídia para fins próprios, ainda leva Henry Jenkins (2009) a sugerir que a questão de quem detém o poder sobre um fenômeno cultural permanece aberta a debate, pois a produção cultural configura-se como uma via de mão dupla que flui livremente porque os fãs contemporâneos, armados com computadores e mídias sociais, podem se apropriar da cultura de massa em uma forma mais envolvente (ou seja, *online*). Possivelmente, ao invés de escolhas reais, esses fãs tenham, agora, um monte de opções: todo um universo Harry Potter de mídias em vez de apenas alguns bons livros e filmes.

Fanfiction ou *fanfic* são expressões que representam as escritas de fãs de uma determinada obra, que utilizam seus textos para brincar com o original, ou até mesmo para tentar preencher possíveis lacunas deixadas pelos autores. Já as *fan arts* são produções artísticas criadas por fãs de um determinado universo cultural para fins de socialização e afirmação de uma identidade de fã. De acordo com Pedro Curi,

Ao dispor de lápis, canetas e papel, um fã produz desenhos, pinturas ou colagens que mostram os personagens das séries, filmes ou revistas em quadrinhos em situações inéditas. Produtos desse tipo ficaram conhecidos como *fan arts*, representação pictórica da ideia original que um fã tem ao consumir determinado objeto, capaz de ir até onde a criatividade do fã e o seu talento permitem. [...] Escreve-se uma nova história baseada em um objeto. A trama pode contar com um evento passado, que nunca fora abordado com profundidade, ou prever um futuro que vai além do fim proposto pelo autor oficial. É possível criar um novo final, assim como reescrever trechos que não agradam. O limite, neste caso, é apenas a criatividade. (CURI, 2013, p.217)

As lacunas vêm sendo exploradas, preenchidas e recarregadas enquanto o universo Potter vinha adquirindo proporções gigantescas na internet. É um mundo colossal que fora criado e habitado pelos jovens leitores e fãs da série, sob o uso da tecnologia, palco de encontro de fãs e culturas – as *fandoms*. Com apropriação da tecnologia digital no contexto de Harry Potter, os fãs têm implicações de longo alcance para o campo dos estudos literários. As atividades desenvolvidas pelos *fandoms*, como as *fanfictions* e as *fan arts*, não só desfazem as grandes narrativas do texto original – no caso de Rowling, os sete volumes que compõem a série Harry Potter –, mas questionam a própria noção de original.

3.1. ARMADA DE DUMBLEDORE: A LUTA DOS FÃS PELA AUTONOMIA CULTURAL

Criar *fanfics* é brincar de “e se...?” com histórias existentes. *Fanfics* são produzidas “pelos leitores que se apropriam de um texto literário canônico ou best-seller e recriam a partir destes um texto escrito, que pode ter uma limitada quantidade de palavras ou se estender a um pequeno conto ou romance” (MIRANDA, 2005, online). Basicamente, uma *fanfic* ou *fanfiction* é uma história que deriva de outra, é escrita e lida por comunidades amplas e diversificadas de fãs e se baseiam em torno de mundos fictícios de livros, programas de TV, filmes, etc. As *fanfictions*, quase que em sua totalidade, são publicadas na internet, em sites específicos, a fim de perpetuar a natureza completamente aberta a qualquer pessoa munida de um computador e acesso à internet de poder publicar seus textos de fã facilmente.

Aqui, abordar-se-á as *fanfictions* em forma de prosa narrativa. Mas *fanfiction* pode incorporar inúmeras formas: vídeos, música, arte, poesia, ensaio, etc. Como seria de se esperar, em um meio tão aberto, a qualidade da escrita de *fanfictions* varia muito. Talvez por esta variação na habilidade significativa da mídia sobre uma outra narrativa, *fanfictions* são popularmente ridicularizadas, tidas como textos pouco sofisticados. Todavia, essa avaliação acaba abdicando de apreciar a enorme habilidade de fãs autores, e negligencia as lições que eles oferecem em relação à mediação de narrativas.

Grande parte da *fanfic* baseia-se em elementos essenciais de uma história de um autor famoso para a construção e inteligibilidade de uma nova narrativa, uma instância específica da história original. Isso:

[...] deixa ao leitor a opção de recompor o texto, para isso mesmo reestruturado em fragmentos. A função do autor, conseqüentemente, desloca-se no sentido do leitor que participa da composição ou da formatação do texto pela virtualidade. A cada leitor, melhor ainda, a cada leitura, um novo texto, e a autoria se faz substituir pela coautoria (QUEIROZ apud MARINHO, 2001, p.181).

Esse “novo” autor parte para a criação de espaço, tempo e outros limites dentro dos quais a história se passa, um mundo que ele imagina quando lê, uma vez que leitores são levados a imaginar a história através de sinais no texto, em maior ou menor detalhe, dependendo das informações fornecidas.

As comunidades de/para postagem, leitura e discussão de *fanfictions*, as chamadas *fandoms*, bem como os tipos de narração que são produzidas são extremamente diversificadas, por isso esta discussão ater-se-á, apenas, a um tipo específico de *fanfiction*: aquelas se esforçam para serem congruentes com o texto original – mais precisamente a saga Harry Potter – a partir do qual elas são derivadas com o propósito de preencher as "lacunas" do texto original. Partindo do pressuposto de que “o texto implica significações que cada leitor constrói a partir de seus próprios códigos de leitura, quando ele recebe ou se apropria desse texto de forma determinada”. (CHARTIER, 1999, p.153), as *fanfictions* de Harry Potter apresentam uma oportunidade fascinante para compreender ainda mais essa forma de preencher as lacunas de uma ficção, fazendo com que seus leitores sintam que realmente estão lendo dois textos ao mesmo tempo.

Essa sensação de estar lendo dois textos, simultaneamente, dá-se porque, ao ler uma *fanfiction*, o texto original permanece disponível na mente do leitor, mesmo quando se lê a nova versão. Os dois textos ressoam juntos, tanto o novo texto quanto o original, sob a exigência de uma fluência interpretativa em várias linguagens narrativas. As *fanfictions*, cujo tipo é o de preenchimento de lacunas, pode mudar radicalmente a nossa forma de ler o texto original e é essa energia que buscamos entender aqui.

Para a criação de uma *fanfic*, cabe ao autor certo domínio de intertextualidade, uma vez que a produção desse gênero requer um esforço completamente intertextual e, desta forma, não é fundamentalmente diferente do que o resto da literatura. A intertextualidade é a condição inevitável de todos os textos, pois cada texto é composto de linguagem e formas já disponíveis para nós. Segundo Roland Barthes,

O texto redistribui a língua (é o campo dessa redistribuição). Um dos caminhos dessa desconstrução-reconstrução é permutar textos, retalhos de textos que existiram ou existem em torno do texto considerado e finalmente nele: todo texto é um intertexto; outros textos estão presentes nele, em níveis variáveis, com formas mais ou menos reconhecíveis. [...] A intertextualidade, condição de todo texto, seja ele qual for, não se reduz, evidentemente, a um problema de fontes ou influências; o intertexto é um campo geral de fórmulas anônimas, cuja origem raramente é detectável, de citações inconscientes ou automáticas, dadas sem aspás. (BARTHES, 2004, p. 275).

Por conseguinte, o termo intertextualidade, apropriado para muitos objetivos teóricos, inclui a principal ideia de nenhum texto existir sozinho;

assim sendo, nenhum autor, nem mesmo J. K. Rowling, já escreveu um universo completamente original. Nessa perspectiva, qualquer paródia, qualquer estória que tenha se inspirado numa história ou tradição oral pode ser considerada *fanfiction*, até mesmo a Eneida, de Virgílio, por ser baseada na *Iliada* e na *Odisséia*, de Homero; qual, então, seria o diferencial das *fanfics*? Essencialmente, a maneira inter-relacionada e midiática com a qual uma *fanfiction* se baseia na narrativa original:

Dentro do paradigma da intermedialidade, o importante passa a ser o modo como os diferentes meios (livro, cinema, tevê, rádio, internet, teatro, etc) tematizam uns aos outros, ou se fundem e/ou se imbricam enquanto meios isolados ou enquanto sistemas mediáticos, através de processos de citação, adaptação e hibridização. (MÜLLER, 2009, p. 190,191).

Esses “processos de citação, adaptação e hibridização” surgem por sempre existirem lacunas nas narrativas que originam as *fanfics*, como ocorre em qualquer texto. Essas lacunas são os espaços que não são e não podem ser totalmente determinados pela informação no texto. As narrativas Harry Potter são cheias de lacunas; nós sempre temos que trazer nossas próprias experiências de vida para a leitura delas a fim de fazer sentido ao que Rowling escreveu, sejam tais experiências nossos preconceitos, nossas memórias, nossas predisposições para a experiência de leitura, as quais nos levam a atribuir mais atenção certas partes do discurso e ignorar outras.

Quando J. K. Rowling especifica “fatos” e significados em seu universo, que não tenham sido bem articulados nos livros, tem-se um exemplo de falácia intencional, a fim de abrir espaço para provocar seus leitores, levando-os a crer que fora um descuido seu. Mesmo Rowling sendo a criadora do universo Potter, se suas intenções não são instanciadas no texto, elas não podem, a rigor, contribuir para o significado do mesmo, dado que a concepção ou intenção do autor não está nem disponível nem é desejável como um padrão para julgar o sucesso de Harry Potter.

Para Henry Jenkins (2009), apesar de todos os públicos trazerem suas próprias estruturas interpretativas para as mídias populares, o profundo interesse e envolvimento em conteúdo de mídia demonstrado, neste caso, por fãs de Harry Potter, tem atraído uma atenção especial de estudiosos para dois aspectos: o primeiro é o da socialização, no qual os fãs se unem em grupos formal e informalmente estruturados – os fã-clubes – para compartilhar seus

interesses mútuos; em segundo lugar, o aspecto do envolvimento com o conteúdo de mídia, no qual os fãs atuam como intérpretes e produtores do objeto midiático.

Acerca das ideias de Jenkins, Pedro Curi, mediante leitura das propostas de Certeau(1994), atribui uma função social ao fã na cultura participativa, negando a ideia de que esses leitores são “indivíduos isolados uns dos outros” (CURI, 2013, p.212). É a partir dessas ideias de Pedro Curi que se pode entender o interesse e o envolvimento dos fãs de Harry Potter na formação de uma nova cultura. De acordo com o autor

[...] esse processo é social. Através dele, as interpretações individuais dos fãs são moldadas e reforçadas após a discussão com outros leitores. Essas discussões expandem a experiência do texto além do consumo inicial. Dessa forma, os sentidos criados são integrados às vidas dos leitores”. (CURI, 2013, p.212).

Fãs ocupam uma posição interessante na sociedade. Eles participam de muitos dos mesmos tipos de atividades sociais e textuais que a maioria dos públicos de mídias se envolvem, embora tenham tradicionalmente existido mais à margem da cultura dominante. Atividades relacionadas a fãs são construídas, em grande parte, em torno de uma aproximação com textos populares, mediante o critério do gosto. Fãs de séries de televisão, filmes ou livros, muitas vezes, gastam parte do tempo com os seus “textos” favoritos, “lendo-os” de perto e, repetidamente, à procura de uma maior nuance ou detalhe. No entanto, esse público de fãs quer fazer muito mais do que simplesmente consumir seus produtos culturais: anseiam em compartilhar sua paixão com os outros, debater os pontos mais delicados dos “textos”, integrar elementos dos produtos de mídia em suas próprias vidas, criticando-os para quaisquer lacunas percebidas.

Fã espalham o seu gosto, interagindo com seus pares em grupos de bate-papo da Internet, sites de fãs na Web, e reuniões sociais, formais e informais. Os tipos mais formais de coleta incluem convenções elaboradas de fãs, realizadas em salões do hotel e (cada vez mais) centros de convenções destinados a acomodar milhares de pessoas. É o que acontece com o público de Harry Potter que conta, no Brasil, com a *Hogwarts Convention*, promovida pela empresa RTA Global, o último ocorrido em outubro de 2013:

[...] uma convenção da série Harry Potter que contará com a presença de membros do elenco! O intuito é levar o fã a ter uma

experiência totalmente diferente, onde poderá conversar, tirar fotos e ter um momento único com os atores. A convenção será realizada no mês de outubro, na cidade de São Paulo, e promete receber fãs de todo o Brasil, e o Potterish, como parceiro oficial do evento, trará a vocês todas as informações e muitas novidades. (MOHLMANN, 2013, online).

O surgimento de agrupamentos sociais em torno de um interesse ou atividade particular é bastante comum. O que distingue os fãs de outros tipos de grupos sociais (como colecionadores ou viciados em jogos eletrônicos, por exemplo) são os temas pelos quais admiram e, principalmente, o objetivo desses agrupamentos: enquanto os fãs objetivam a relação que eles têm com o objeto cultural em si, os demais objetivam um caminho para alcançá-lo. Todavia, Pedro Curi (2013) atesta que esse comportamento, muitas vezes, recebe percepções negativas porque os materiais que os fãs selecionam para se reunirem são normalmente encontrados na extremidade baixa da hierarquia cultural, ou seja, decorre dos méritos atribuídos ao status cultural de obras como a série Harry Potter, em vez de atentar para o comportamento intrínseco dos fãs. Em suas ideias, Curi sugere que:

Desde o início, a figura do fã esteve atrelada à mídia, surgindo e se desenvolvendo conforme os meios de comunicação se desenvolviam e se modificavam. [...] Até hoje é atribuída ao fã, pelo senso comum, a imagem de um indivíduo que cultua um objeto sem qualquer traço de racionalidade, no entanto, ao analisar mais de perto a forma como ele se relaciona com os artefatos que consome e com outros fãs, pode-se notar que é possível haver um posicionamento crítico dentro desses grupos. (CURI, 2013, p.210).

A escolha dos fãs de Harry Potter como material cultural dominante em suas vidas pessoais (por vestir-se como personagens, tal como fazem, por exemplo, na *Hogwarts Convention*) distingue estes indivíduos como formadores de uma subcultura. Aqueles que afirmam sua paixão pelos textos de J.K. Rowling são caracterizados como o tipo fã consumidor: “qualificado como uma vítima patológica da cultura popular massiva”. (CURI, 2013, p.209), tal como já defendia Theodor Adorno (2002). Já os estudos de Martín-Barbero (2003) qualificam este mesmo fã como receptor e produtor cultural – uma ideia que segue na contramão das defendidas pelo teórico frankfurtiano – junto a Pedro Curi (2013) que, por intermédio de seus estudos, nos permite conceituar o pottermaniaco “como um indivíduo consciente e ativo, que tem controle de sua relação com os produtos que consome e produz sua própria cultura, ao apropriar-se desses produtos”. (p.209).

Quando os fãs de Harry Potter se conectam a outros apaixonados pela série, seja cara-a-cara, seja online, eles imediatamente compartilham um laço comum de fascínio pela obra de Rowling, abandonam qualquer tipo de distanciamento crítico para com sua série favorita e experimentam tais narrativas de uma forma muito mais aprofundada, integrando-as em suas vidas²².

Por conseguinte, percebe-se que o público de fãs de Harry Potter se reúne para formar comunidades baseadas em interesse mútuo e valorização da sua série favorita, indo além até mesmo da leitura atenta e interpretativa, sentindo-se inspirados o suficiente para criar as suas próprias narrativas transmidiáticas – por intermédio das *fan fictions* –, preenchendo as lacunas que Rowling (propositalmente ou não) deixou em sua obra, tal como fazem os fãs de Harry Potter que criaram e os que mantêm o site *floreioseborroes.net*, postando suas produções culturais, suas *fanfics*.

3.2. FLOREIOSEBORROES.NET: QUANDO LEITORES VIRAM AUTORES

Em 2002, junto ao lançamento da segunda adaptação cinematográfica *Harry Potter e a câmara secreta* no Brasil, vai ao ar o site *Potterish* (*potterish.com*), desenvolvido por universitárias brasileiras como tentativa de criar um site sobre Harry Potter. Tal como tudo aquilo que chega à internet, àquela época, não era previsto – embora intencional – que o site obteria tamanho sucesso, a fazer do mesmo o maior site de Harry Potter do Brasil e um dos 5 mais influentes do mundo. Atualmente, o site *Potterish* sustenta um sistema de *fanfictions*, o qual recebe o nome de *Floreios e Borrões*, em homenagem à livraria fictícia do mundo mágico de Harry Potter; nele, os visitantes publicam, leem e discutem as quase 25 mil narrativas escritas por fãs.

²² Há muita discussão entre os estudiosos do *fandom* acerca do grau de envolvimento com textos transmidiáticos que se constitui um "fã" de um texto particular. A categoria de "fã" deve ser expandida para incluir os aficionados mais casuais para determinadas mídias, pois eles, enquanto não tão investidos como os fãs traçados por Jenkins (2009), no entanto, compreendem a parcela dominante de público fã de textos midiáticos populares.

Uma grande livraria mágica, cheia de prateleiras com livros empilhados até o teto: Floreios e Borrões é a principal – e talvez única – fornecedora de livros didáticos para a Escola de Magia e Bruxaria de Hogwarts, embora, é claro, que isso está longe de tudo aquilo que lá se vende. A loja possui ocasionais sessões de autógrafos, como quando o bruxo Gilderoy Lockhart lança sua coletânea em 1992, e serviços de vendas de livros via coruja, alternativa além das compras na loja. O floreioseborroes.net, versão da loja fictícia do mundo criado por Rowling, “pertence a um site de fãs brasileiros, [...] Potterish; seu acervo de textos, todos em português, alcança a soma de 26 mil. [...] Este é um domínio criado em 2002, período de intervalo entre o quarto e o quinto livro” (JACQUES FILHO, 2014, p.32-48).

O site busca hospedar não livros, mas textos escritos, publicados, lidos e criticados pelos próprios fãs da série Harry Potter; remete-nos à uma biblioteca tradicional, contendo um banco de dados de *fanfics*, subdividido em categorias como autor, título, mais lidas, mais votadas, etc., a fim de “facilitar” a busca feita por leitores que procuram textos mais específicos – embora não possua um mecanismo de busca –, contudo, as mais comentadas só são acessadas caso você se cadastre no site, uma vez que a “Floreios e Borrões não permite que visitantes sem cadastro visualizem as mais comentadas. Precisaríamos contar os comentários feitos a cada capítulo das *fanfictions*, já que são assim compartimentados” (JACQUES FILHO, 2014, p.46).

Figura 4



Fonte: <http://fanfic.potterish.com/index-old.php>

No site, abrem-se competições entre os autores para eleição das *fanfics* recordistas de acesso, bem como um espaço de interação exclusivo para a conexão autor-leitor, no qual cada usuário expõe suas preferências, deixa mensagens para outros usuários e responde a comentários nas *fanfics*. O site acaba repaginando, assim, um ideal de autor, peculiarmente discutível, já que agem como os produtores e críticos de literatura especializados nessa área.

O site da Floreios e Borrões mudou o visual em 2014, adotando um layout mais fluido e fácil de navegar.

Figura 5

Bem vindo a nova *Floreios e Borrões!*
Essa versão está disponível apenas para usuários VIP.
Não é VIP? Doe ou acesse a [versão antiga](#).

Faça a sua doação agora!
ou leia mais sobre as novidades.

Nova Floreios e Borrões

As principais funções já estão disponíveis aqui para usuários VIP, todavia, para realizar as novidades, precisamos da sua doação!

- 1. Leia onde estiver**
A nova FeB terá um visual moderno, bonito e totalmente compatível com tablets e smartphones. Usaremos as mais recentes tecnologias.
- 2. Ache agulhas no palheiro**
Com um banco de dados tão extenso de fanfics, um sistema de busca robusto com diversos tipos de filtro será criado para facilitar que fanfics sejam encontradas por leitores que procuram por perfis bem específicos.
- 3. Saiba quais são as melhores fanfics**
Os rankings serão otimizados e modificados para as mais lidas do mês, as mais marcadas como favorita, as mais comentadas e as recorrentes de acesso.
- 4. Conecte-se com outros leitores e autores**
Cada usuário terá espaço para falar de suas preferências, deixar mensagens para outros usuários e responder comentários nas fanfics.
- 5. Gerencie sua lista de fanfics favoritas**
Continuaremos com a opção de marcar fanfics como favoritas, mas agora o usuário poderá organizá-las em grupo de modo a achá-las mais facilmente. O sistema de avisos de atualizações também será melhorado.
- 6. Planos VIP para todos os bolsos**
Continuaremos com a opção de marcar fanfics como favoritas, mas agora o usuário poderá organizá-las em grupo de modo a achá-las mais facilmente. O sistema de avisos de atualizações também será melhorado.

Fonte: <http://www.floreioseborroes.net/>

Para Jacques Filho, “

embora esteja registrado no mesmo endereço da página, o acervo de fanfictions direciona para um *layout* distinto. Sua organização atual permite dois modelos de financiamento, além de usuários *VIPs* contribuírem para a manutenção do site e ganharem alguns privilégios na divulgação das suas histórias, há também a modalidade de *banner* flutuante, uma pequena janela surge na tela de acordo com a movimentação do cursor. O anúncio pode ser fechado a cada vez que aparece. A postagem é mais simplificada (menos passos), mas é possível maior detalhamento nas informações. (JACQUES FILHO, 2014, p.48)

A real razão pela qual o autor que vive não pode ser confiável como uma autoridade absoluta sobre seu trabalho é porque as pessoas reais, assim como os sites, estão sempre mudando. O autor, sujeito complexo, em constante mudança individual, aquele de quem nunca se pode ter qualquer conhecimento seguro, é dono de um discurso dito e/ou implícito relevante. Roger Chartier sugere que:

A leitura é sempre apropriação, invenção, produção de significados [...] o leitor é um caçador que percorre terras alheias. Apreendido pela leitura, o texto não tem de modo algum – ou ao menos totalmente – o sentido que lhe atribui seu autor, seu editor ou seus comentadores (CHARTIER, 1999, p.77).

Existem lacunas suficientes para se preencher no mundo de Rowling, e seus leitores trabalham para preencher cada uma delas, tornando-se autores

por fora das páginas. J.K. Rowling fala como uma autoridade sobre o mundo que ela criou, contudo, em termos de *fanfictions*, seus leitores se tornam as autoridades. Enquanto os fãs dependem de Rowling como a autoridade final do nascimento de seus livros, a mesma depende de seus fãs como a autoridade final na sobrevivência de seus livros.

Há, no entanto, uma construção que podemos apontar, a qual explica a forma como o texto é montado e da forma como estes padrões criam significado: o autor de *fanfics* – inferida pelo leitor a partir da experiência de leitura. Nas palavras de Pedro Curi, é difícil distinguir claramente as noções de “leitores e escritores, já que fãs não consomem apenas histórias que circulam pelo mercado, criando também suas próprias histórias e colocando-as em circulação nas comunidades de que fazem parte” (CURI, 2013, p.212).

Esse autor-fã então, debate, (r)escreve a obra de Rowling e mostra como sua leitura favorece o (re)descobrimento de diferentes significações, configurando-se como o próprio condutor na sua leitura, e interventor no objeto literário, uma vez que, não diferentemente dos demais textos, a série Harry Potter, cujos autores-leitores se interessam por outro(s) desfecho(s), não é definitiva, mas passível de múltiplas interpretações e (re)adaptações. “Daí resulta todo um complexo tecido de possíveis ligações que incentivam o leitor a que ele mesmo produza as conexões ainda não totalmente formuladas”, nos termos de Wolfgang Iser (1996, p.48).

Ao acessar as categorias de *fanfics* no site floreioseborroes.net, vimos muitos autores escrevendo estórias inéditas de personagens do universo criado por Rowling. Em *A breve história de RAB*, por exemplo, a autora Ivana R. escreve sobre a personagem Regulus Arcturus Black, cuja primeira menção na história original se deu pela sigla “RAB”, no sexto volume. Somente no último romance é que parte da história do personagem é contada. Por conta disso, Ivana R. resolve criar sua *fanfic* e, sabendo das limitadas informações acerca do personagem e temendo, quem sabe, a cobrança por usurpar o posto de Rowling, declara no resumo de sua produção:

Esta fic conta a trajetória de vida de Regulus Black desde sua entrada na escola até seu trágico fim, como um dos mais grifinórios sonserinos que a Rowling poderia imaginar. Uma história longa sobre valores e honra, ingenuidade, bravura e amor, com mais de 100 capítulos, que conta sua relação com o irmão, a descoberta do primeiro amor, relações familiares, suas experiências como

comensal da morte e sua relação com Lord Voldemort. Tentei ser o mais fiel possível a tudo que a Rowling disse a respeito dele. E esta história está sendo postada em inglês no fanfiction.net e no Snitchseeker.com, de onde vem minha beta-reader (e onde sou a moderadora da sessão em Português do site). Espero que gostem e deixem seus comentários! (sic).

Nota-se, claramente, que Ivana R. se coloca como autora da história do personagem RAB, mas enfatiza que buscou ser “o mais fiel possível a tudo que a Rowling disse a respeito dele”, atitude que geralmente acontece nas *fanfictions* encontradas na plataforma da criadora de Harry Potter. Em *Pottermore*, o fato de a autora permitir a publicação de *fanfics* diverge da ideia de publicação do site Floreios e Borrões pois, nos domínios da autora, o que a agrada – quase sempre – são as narrativas criadas por aqueles que tentam, de algum modo, preencher lacunas que ela deixou em seus romances, tal como Ivana R. promete fazer.

Em *Pottermore*, a limitação da criatividade do escritor fã é proposital e dá a ele uma sensação de participação que, em verdade, limita-se a mera interação com a autora, como se os textos postados na plataforma fossem um veículo de interlocução entre autora e fã, atestando o poder e o controle que J.K. Rowling detém em seu domínio digital. No site brasileiro, os leitores de Ivana R. interagem com ela e entre si, expedindo todo o tipo de comentário; a exemplo, temos a leitora Mika Black, que declara não ter conseguido parar de ler uma história e que, embora antes nunca tenha gostado do irmão de RAB, Sírius Black, agora já o admira graças ao contexto, a uma nova roupagem que Ivana R. dá aos irmãos bruxos.

Algumas postagens abaixo, encontramos também a leitora Bia Ginny Potter, com o comentário: “*Primeiramente, você é incrivelmente mentirosa em chamar essa história de breve! 102 caps até agr?*” (sic). Nele, a leitora indigna-se pelo fato de o título da *fic* mencionar ser breve, e ela estar lendo o penúltimo dos 103 capítulos publicados até o momento de sua leitura em setembro de 2014 (nota-se que hoje, a mesma *fic* já se encontra em seu 120º capítulo). Ainda em seu post, Bia Ginny Potter desabafa: é “*raro ver uma fic q me faz ter dó de sonserino, mas vc conseguiu!*” (sic) – isso porque o personagem Regulus Black pertenceu à casa fictícia Sonserina, caracterizada por bruxos ambiciosos (em sua maioria, desviados à Arte das Trevas), casa que a grande maioria dos fãs não gosta por ser a casa dos vilões da série.

buscam entretenimento em suas leituras – para chamar a atenção de leitores; mostra, também, que Lola é um exemplo de que o leitor de mídia digital conhece os gêneros textuais a ponto de (des)classificar um texto postado como *fanfiction*. Indo ao encontro dessa autonomia e liberdade existentes em *floreioseborroes.net*, temos a leitora Mariah Weasley, que mostra seu ponto de vista a respeito do que lera no texto de A&A: “*Olha só mana, eu A-DO-REI a fic...até o meio, sinceramente, eu não gostei do final pq o Harry tinha q ficar com o Draco, mas eu ri mto [...]*” (*sic*), o que nos remete ao fato de a juventude contemporânea não dá tanta importância a certos padrões socioculturais institucionalizados, como o fato de a preferência ter sido Harry terminar com Draco, sendo que ele, nessa ficção de fã, termina com uma garota, Luna – talvez pelo poder que o puritanismo ainda tem sobre o escritor contemporâneo. Todavia, vale ressaltar que alguns desses leitores-autores não sentem que estão presos a componentes políticos como a censura e o moralismo, visto que, no caso de A&A, o conteúdo que prometia ser homoafetivo acaba mostrando uma escolha heterossexual.

Por conseguinte, alguns leitores ignoram, deliberadamente, a autora Rowling a fim de construir as suas próprias fantasias com base em suas experiências de leitura e interpretação, mas outros leitores confiam nela, porque ela é a criadora do reino fictício em que o *fandom* está imerso. Nesse caso, o papel do leitor encontra-se em frente à experiência da leitura, uma vez que aquele leitor tradicional, detentor do objeto livro e que costumava manuseá-lo, não mais apenas imprime um significado sobre uma obra; passa “a transformar do seu sentido e interferir nos procedimentos de sua escritura”, de acordo com Ana Cláudia Murai Pelisoli (2009, p.15).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para Calvino (2007), os clássicos trazem em si sinais de leituras anteriores. Clássico da literatura de massa contemporânea, Harry Potter pode ser o maior evento editorial da história até o momento, tão grande a merecer seu status como *best-seller*; narrativas compostas pela síntese do melhor de C. S. Lewis²³, J. R. R. Tolkien²⁴, bem como das mitologias grega nórdica – leituras anteriores de Rowling. No sucesso, indústrias criativas sempre geram mais sucesso, mas em uma era de globalização, de convergência transmidiática, o sucesso pode ser muito grande, mas nunca completamente premeditado, visto que o público não sabe, ao certo, se alguma obra é boa ou ruim até saber de alguém que já a tenha lido.

J. K. Rowling teve sua obra rejeitada várias vezes até parar diante dos olhos de um leitor curioso da editora britânica Bloomsbury: eis que Harry Potter e a Pedra Filosofal (1997), foi publicado e aclamado pela crítica londrina, rompendo a barreira geográfica com o marketing do boca-a-boca. No entanto, a chave para o sucesso de vendas dos mais de 450 milhões de livros pelo mundo, foi o marketing feito pelos grandes parceiros industriais de J. K. Rowling e a própria autora, que foi sagaz o suficiente para reconhecer, em meio aos clamores da última adaptação cinematográfica *Harry Potter e as Relíquias da Morte – Parte 2* que o conjunto de gêneros nos qual a obra estava inserida (livros, filmes, jogos eletrônicos, músicas), ainda não era o bastante para dar conta do fenômeno que se instaurara – a *Pottermania*.

A fim de tentar institucionalizar sua obra, J. K. Rowling apela para Harry Potter como uma narrativa transmídia, nos termos de Jenkins (2009), criando a plataforma online *Pottermore*, num momento em que a cultura de massa entra em convergência a todo vapor.

Como visto, a narrativa transmídia é considerada um terreno fértil e lucrativo para a publicidade, pois revela a tendência de uma era da convergência das mídias que fortalecem uma determinada marca, de modo a ampliar seu público por meio da transposição midiática, gerando novas

²³ Autor de *As Crônicas de Nárnia*, uma série composta por sete livros, publicados durante os anos de 1950 a 1956.

²⁴ Autor de *O Senhor dos Anéis*, publicado entre os anos de 1954 e 1955.

formas de produção e de consumo. Isso explica a coexistência da marca Harry Potter na literatura, no cinema, em games, em brinquedos, enfim, em uma infinidade de produtos que estão relacionados a essa marca.

Atingindo os mais variados públicos, portanto, diferentes formas de lucrar vão surgindo com a demanda do público. Conforme Henry Jenkins (2009), as novas tecnologias estão a esse serviço de permitir que as histórias sejam cobradas de outras maneiras a atender os variados anseios do público. O site *Pottermore*, sob a proposta da autora de Harry Potter, apresenta uma ideia de participação que esse leitor transmidiático pode viver se essa plataforma for consumida. O site, que se configura como um jogo eletrônico de RPG, possui um enredo pronto, composto pela história original de Harry Potter, e um pré-pronto, para simular a participação dos leitores – ou melhor, uma sensação de participação que, na verdade, ainda se resume à interatividade.

Os produtos culturais criados pelos leitores fãs de Harry Potter – as *fanfictions* – representam a dimensão provocada no público pela narrativa de Rowling que, segundo Henry Jenkins, é esse consumidor o responsável pela constituição do universo transmídia da ficção; assim sendo, um projeto transmídia é mantido pela interação e pela participação, executados com ou sem o envolvimento imediato dos usuários. A produção de *fan fics* é fruto de uma cultura participativa na qual a autonomia e a socialização do que é produzido em torno das histórias do bruxinho ultrapassa as fronteiras da criatividade e do consumo da marca Harry Potter por seus fãs.

O caso Heather Lawver, a garota processada pela Warner Bros. por conta de um site que ela criara contendo muito material acerca de Harry Potter, mostra como uma cultura de fato participativa, enquanto fenômeno político, pode ameaçar um império multimilionário no qual Rowling e seus parceiros industriais detém direitos. O site *floreioseborroes.net* é um exemplo de que os fãs brasileiros de Harry Potter também embarcaram nessa onda de cultura participativa, criando, postando e comentando *fanfictions* com temas centrados nas histórias, ambientes e personagens de Hogwarts.

Interagir e participar é o que os fãs /usuários fazem quando transitam pelas plataformas diferentes que a narrativa toma nessa revolução cultural

que a era digital anuncia. Dessa maneira, a eterna celeuma pelo poder e autonomia da série Harry Potter dificilmente cessará, pois a autora sempre tentará dominar sua obra e seus leitores e, na contramão, o público não deixará de ter a possibilidade de escolher a mídia que mais tem afinidade para ter acesso ao produto, seja de que jeito for, nem, tampouco, deixará de produzir os seus próprios conteúdos a partir da história original da série.

REFERÊNCIAS

AMARAL, Ligia. Sobre crocodilos e avestruzes: falando de diferenças físicas, preconceitos e sua superação. In: AQUINO, J. G.(coord.). *Diferenças e preconceitos na escola: alternativas teóricas e práticas*. São Paulo: Summus, 1998, p. 11-30.

ADORNO, Theodor. *Indústria cultural e sociedade*. São Paulo: Paz e Terra, 2002.

ADLER, Bill. *Cartas ao Harry Potter: crianças do mundo todo escreveram ao bruxo*. São Paulo: Editora Novo Conceito, 2007.

ASSIS, Machado de. O ideal do crítico. In: COSTA, Marta Morais da; OLIVEIRA, Silvana. *Concepções, Estruturas e Fundamentos do Texto Literário*. Curitiba: IESDE Brasil S.A., 2009.

BARTHES, Roland. *Inéditos*. São Paulo: Martins, 2004.

BLOOM, Harold. *Can 35 Million Book Buyers Be Wrong? Yes*. 2000. Disponível em: < http://dlm.fflch.usp.br/sites/dlm.fflch.usp.br/files/texto4_0.pdf>. Acesso em: 04 abr. 2015.

BORGES, J. L. O Enigma da Poesia. In: _____. *Esse Ofício do Verso*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

BOSCOV, Isabela. *Adeus à infância*. VEJA online, São Paulo, nov. 2005. Disponível em: < http://veja.abril.com.br/231105/p_142.html>. Acesso em 30 maio 2014.

_____, Isabela. Harry cresceu e apareceu. VEJA online, São Paulo, nov. 2004. Disponível em: < http://veja.abril.com.br/020604/p_132.html>. Acesso em 30 maio 2014.

BRIZOTTO, Bruno. *Duas abordagens para o ensino de literatura - leitura e estética da recepção*. Revista Fronteira Digital, v. 3, p. 61-82, 2011. Disponível em: <<http://oglobo.globo.com/cultura/criticos-aprovam-novo-harry-potter-com-clima-romantico-3206945#ixzz37IViODQu>>. Acesso em 30 maio 2014.

CANI, Isabelle. *Harry Potter ou O anti-Peter Pan: para acabar com a magia da infância*. Trad. Lana Lim. São Paulo: Madras, 2008.

CALVINO, Ítalo. *Por que ler os clássicos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

CECCATINI, João Luís C. T. Leitores de Harry Potter: do negócio à negociação da leitura. In: JACOBY, Sissa; RETTENMAIER, Miguel (org). *Além da*

plataforma nove e meia: pensando o fenômeno Harry Potter. Passo Fundo: UPF, 2005, p.23-52.

CHARTIER, R. *A aventura do livro: do leitor ao navegador*. Trad. Reginaldo Carnello Correa de Moraes. São Paulo: UNESP, 1999.

COELHO, Nelly Novaes. O fenômeno Harry Potter e o nosso tempo em mutação. In: JACOBY, Sissa; RETTENMAIER, Miguel (org). *Além da plataforma nove e meia: pensando o fenômeno Harry Potter*. Passo Fundo: UPF, 2005, p.120-142.

COLLETT-WHITE, Mike. Críticos aprovam novo 'Harry Potter' com clima romântico. *O GLOBO online*, Londres, jul. 2009. Disponível em: <<http://oglobo.globo.com/cultura/criticos-aprovam-novo-harry-potter-com-clima-romantico-3206945#ixzz37IViODQu>>. Acesso em 30 maio 2014.

COMPAGNON, Antoine. *O demônio da teoria: literatura e senso comum*. Belo Horizonte: UFMG, 2003.

COSTA, A. R.; TALARICO, E. de G. *Marketing Promocional: descobrindo os segredos do mercado*. São Paulo: Atlas, 1996.

CURI, Pedro. *Fan arts, fan fics e fan films: o consumo dos fãs e a criação de uma nova cultura*. In: BAMBÁ, Mahomed (org.). *A recepção cinematográfica: teoria e estudos de casos*. Salvador: EDUFBA, 2013.

DARNTON, Robert. *Os best-sellers proibidos na França pré-revolucionária*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

EAGLETON, Terry. *Teoria da Literatura: uma introdução*. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

FERREIRA, Eliane Aparecida Galvão Ribeiro. *Construindo histórias de leitura: a leitura dialógica enquanto elemento de articulação no interior de uma "biblioteca vivida"*. 2009. 456 f. Tese (Doutorado em Letras) – Faculdade de Ciências e Letras de Assis, Universidade Estadual Paulista, São Paulo. 2009.

FONSECA, Thais. "Ela vive num outro planeta", diz atriz de "Harry Potter" sobre Luna Lovegood. *Cinema UOL*, Londres, nov. 2010. Disponível em: <<http://cinema.uol.com.br/ultnot/2010/11/14/ela-vive-num-outro-planeta-diz-atriz-de-harry-potter-sobre-luna-lovegood.jhtm>>. Acesso em: 8 fev. 2015.

FREITAS JR, Osmar. Harry Potter e a câmara secreta chega às telas com grandes doses de ação e uma trama cheia de ingredientes muito mais aterrorizantes do que seu antecessor, Harry Potter e a pedra filosofal. *ISTOÉ online*, Nova Iorque, nov. 2002. Disponível em: <http://www.istoe.com.br/reportagens/22182_ESTRATEGIAS+DA+MAGIA>. Acesso em: 30 maio 2014.

GALLO, Ana Alice. Lutas mágicas garantem diversão em novo “Harry Potter”. *FOLHA DE SÃO PAULO Online*, São Paulo, jun. 2007. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2007/07/310528-lutas-magicas-garantem-diversao-em-novo-harry-potter.shtml>>. Acesso em: 03 jul. 2014.

ISER, Wolfgang. *O ato da leitura: Uma teoria do efeito estético*. São Paulo: 34, 1996.

JACOBY, Sissa. Harry Potter: ou isto ou aquilo. In: JACOBY, Sissa; RETTENMAIER, Miguel (org). *Além da plataforma nove e meia: pensando o fenômeno Harry Potter*. Passo Fundo: UPF, 2005, p.103-119

JACQUES FILHO, Edu Fernandes Lima. Harry Potter, experiência cultural da sociedade em midiatização. In: 8º. *Interprogramas de Mestrado em Comunicação da Faculdade Cásper Líbero*, 2012, São Paulo. *Texto apresentado...* São Paulo: Faculdade Cásper Líbero, 2012.

_____, Edu Fernandes Lima. Fãs no paradigma da midiatização: casos de dispositivos em torno de Harry Potter. 2014. 126 f. *Dissertação* (Mestrado em Ciências da Comunicação) – Universidade do Vale do Rio dos Sinos. São Leopoldo, 2014.

JAUSS, Hans Robert. *A História da Literatura como Provocação à Teoria Literária*. São Paulo: Ática, 1994.

JENKINS, Henry. *Cultura da convergência: a colisão entre os velhos e novos meios de comunicação*. São Paulo: Aleph, 2009.

_____, Henry. *Fans, bloggers and gamers: exploring participatory culture*. Nova Iorque: New York University Press, 2006

JESUALDO. *A literatura infantil*. São Paulo: Cultrix, 1978.

JOUBE, Vincent. *A leitura*. São Paulo: Editora UNESP, 2002.

LAGE, Miguel Jorge da Cruz. *A dimensão tribal do consumo de produtos relacionados com Clubes de Futebol*. 2009. 115f. *Dissertação* (Mestrado em Marketing) – Instituto Superior de Economia e Gestão, Universidade Técnica de Lisboa, Lisboa.

LIGNANI, Ângela Maria de Oliveira. *J. K. Rowling: diálogo literário e cultural com Monteiro Lobato e Isabel Allende*. 2007. 221 f. Tese (Doutorado em Letras – Literatura Comparada) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Minas Gerais. 2007.

LOBO, Luiza. Estética da Recepção. In: SAMUEL, Rogel (Org.). *Manual de Teoria Literária*. Petrópolis: Vozes, 1988.

MANOVICH, Lev. *The language of new media*. Cambridge: MIT Press, 2002.

MARINHO, Marildes. (org). *Ler e navegar: espaços e percursos da leitura*. Campinas: Mercado de Letras, 2001.

MARTHA, Alice Áurea Penteado. A presença feminina no mundo de Harry Potter. In: JACOBY, Sissa; RETTENMAIER, Miguel (org). *Além da plataforma nove e meia: pensando o fenômeno Harry Potter*. Passo Fundo: UPF, 2005, p.120-142.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. *Dos meios às mediações: comunicação, cultura e hegemonia*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2003.

MAZETTI, Henrique Moreira. Cultura participativa, espetáculo interativo: do “empoderamento” ao engajamento corporativo dos usuários de mídia. In: *Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste*, 14, 2009, Rio de Janeiro. *Anais...* São Paulo: Intercom, 2009. p. 1 - 15. CD-ROM. Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/papers/regionais/sudeste2009/resumos/R14-0611-1.pdf>>. Acesso em: 09 fev. 2014.

MIRANDA, André. Como nasceu e o que vem por aí depois de Harry Potter, o maior fenômeno pop da última década. *O GLOBO online*, Rio de Janeiro, 16 jul. 2011 Disponível em: < <http://oglobo.globo.com/cultura/mat/2011/07/16/como-nasceu-o-que-vem-por-ai-depois-de-harry-potter-maior-fenomeno-pop-da-ultima-decada-924921149.asp>>. Acesso em 15 set. 2013.

MIRANDA, Doris. Adrenalina e lágrimas no adeus de 'Harry Potter - As Relíquias da Morte II'. *CORREIO online*, Salvador, jul. 2011. Disponível em: <<http://www.correio24horas.com.br/detalhe/noticia/adrenalina-e-lagrimas-no-adeus-de-harry-potter-as-reliquias-da-morte-ii/>>. Acesso em 30 maio 2014

MIRANDA, Fabiana Moés. *Fanfic e fanfiqueros: leitores fãs de livros/escritores*. 2005. Disponível em: <<http://www.ufpe.br/hipertexto2005/TRABALHOS/Fabiana%20M%F3es%20Miranda.htm>>. Acesso em: 02 set 2014.

MOHLMANN, Daniel. *“Hogwarts Convention” promete trazer elenco pro Brasil*. 2013. Disponível em: < <http://potterish.com/2013/01/convencao-harry-potter-elenco-brasil>>. Acesso em: 10 fev. 2015.

MORRIS, Tom. *E se Harry Potter dirigisse a General Electric?: sabedoria de liderança do mundo dos bruxos*. São Paulo: Editora Planeta do Brasil, 2006.

MÜLLER, Adalberto. *Verbetes “Intermedialidade, intermidialidade”*. In: MARCONDES FILHO, Ciro (Org.). *Dicionário da Comunicação*. São Paulo: Paulus, 2009, p. 190,191.

OLIVEIRA, Sayonara Amaral de. *Na transversal das citações: um estudo da recepção de Paulo Coelho nos blogs do escritor*. 2010. 267 f. Tese (Doutorado em Letras) – Instituto de Letras, Universidade Federal da Bahia. 2010.

OLIVEIRA, Silvana. Literatura e crítica literária. In: COSTA, Marta Morais da; OLIVEIRA, Silvana. *Concepções, Estruturas e Fundamentos do Texto Literário*. Curitiba: IESDE Brasil S.A., 2009.

PÁDUA, Érika Morais Martins. O mito dos mundos paralelos na literatura infanto-juvenil de fantasia: a odisséia de Candy Quakenbush em Abarat de Clive Barker. In: XI Congresso Internacional da ABRALIC, 2008, São Paulo. *Anais...* São Paulo: Realize, 2008. Disponível em URL: <http://www.abralic.org.br/download/anaiseventos/cong2008/AnaisOnline/simpósios/pdf/031/ERIKA_PADUA.pdf>. Acesso em: 04 mar. 2015.

PAES, José Paulo. *A aventura literária: Ensaios sobre ficção e ficções*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

PELISOLI, Ana Cláudia Munari Domingos. *Harry Potter: um chamado ao leitor*. Porto Alegre, 2006. Disponível em: <<http://www.pucrs.br/edipucrs/online/III Mostra/Letras/61859%20-%20ANA%20CLAUDIA%20MUNARI%20DOMINGOS%20PELISOLI.pdf>>. Acesso em 18 mar. 2014.

_____. O leitor multimídia de Harry Potter: do livro ao ciberespaço. In: II Seminário Brasileiro Livro e História Editorial (II Lihed), 2009, Rio de Janeiro. *Anais...* Rio de Janeiro: Lihed, 2009. Disponível em URL: <http://www.livroehistoriaeditorial.pro.br/ii_pdf/Ana_Claudia_Munari_Pelisoli.pdf>. Acesso em: 07 set 2014.

PITTA, Patricia Indiara Magero. *A literatura infantil no contexto cultural da pós-modernidade: o caso Harry Potter*. 2006. 293 f. Tese (Doutorado em Letras) – Faculdade de Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul Rio Grande do Sul. 2006.

RÖSING, Tania. Uma reflexão necessária. In: JACOBY, Sissa; RETTENMAIER, Miguel (org). *Além da plataforma nove e meia: pensando o fenômeno Harry Potter*. Passo Fundo: UPF, 2005.

ROWLING, J. K. *Animais Fantásticos e onde habitam*. Rio de Janeiro: Rocco, 2001a.

ROWLING, J. K. *Harry Potter e a câmara secreta*. Rio de Janeiro: Rocco, 2000b.

ROWLING, J. K. *Harry Potter e a Ordem da Fênix*. Rio de Janeiro: Rocco, 2003.

ROWLING, J. K. *Harry Potter e a pedra filosofal*. Rio de Janeiro: Rocco, 2000a.

ROWLING, J. K. *Harry Potter e as Relíquias da Morte*. Rio de Janeiro: Rocco, 2007.

ROWLING, J. K. *Harry Potter e o cálice de fogo*. Rio de Janeiro: Rocco, 2001c.

ROWLING, J. K. *Harry Potter e o enigma do príncipe*. Rio de Janeiro: Rocco, 2005.

ROWLING, J. K. *Harry Potter e o prisioneiro de Azkaban*. Rio de Janeiro: Rocco, 2000c.

ROWLING, J. K. *Os Contos de Beedle, o Bardo*. Rio de Janeiro: Rocco, 2008.

ROWLING, J. K. *Quadribol através dos séculos*. Rio de Janeiro: Rocco, 2001b.

SARVANI, V.; MUKUND. A. *Harry Potter: o feitiço a favor do feiticeiro*. HSM Management, n.48, jan-fev, 2005. Disponível em: <<http://www.distefanoconsultoria.com/artigoshsm/ofeiticoafavordofeiticeiro.pdf>>. Acesso em: 20 jun 2014.

SILVA, José Mário. Os 50 autores mais influentes no século XX, o que aprendemos ou devíamos ter aprendido com eles. *Revista LER online*, Lisboa, abr. 2008. Disponível em: <<http://sapoblogs.do.sapo.pt/ler/autoresinfluentes.pdf>>. Acesso em 04 abr. 2015.

SMITH, Sean. *J.K. Rowling: uma biografia do gênio por trás de Harry Potter*. Rio de Janeiro: Sextante, 2003

SMADJA, Isabelle; BRUNO, Pierre. *Harry Potter, anjo ou demônio?* Rio de Janeiro: Cia. De Freud, 2009.

TAJFEL, Henri. *Grupos humanos e categorias sociais*. Lisboa: Livros Horizonte, 1982.

VELLOSO, Beatriz. A magia de Harry Potter. *Revista Época online*, Londres, 181 ed., 05 nov. 2001 Disponível em: <<http://epoca.globo.com/edic/20011105/cult1a.htm>>. Acesso em 30 ago. 2013.